



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ICICT
Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

Especialização em Comunicação e Saúde

CAS

**PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE NOTÍCIAS SOBRE
DOENÇAS NEGLIGENCIADAS SOB O AGENDAMENTO DA
ASSESSORIA DE IMPRENSA DE UMA INSTITUIÇÃO
PÚBLICA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM
SAÚDE: A VACINA PARA ESQUISTOSSOMOSE NA MÍDIA
IMPRESSA**

Glauber Queiroz Tabosa Tiburtino

Monografia

Orientadora: Raquel Aguiar Cordeiro

Rio de Janeiro, 2017

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E SAÚDE

PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE NOTÍCIAS SOBRE DOENÇAS NEGLIGENCIADAS SOB O AGENDAMENTO DA ASSESSORIA DE IMPRENSA DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO EM SAÚDE: A VACINA PARA ESQUISTOSSOMOSE NA MÍDIA IMPRESSA

Por

GLAUBER QUEIROZ TABOSA TIBURTINO

Trabalho apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Comunicação e Saúde.

Modalidade de Trabalho: Monografia

Orientadora: Dr^a Raquel Aguiar Cordeiro

Rio de Janeiro, março/2017

Dedico o presente trabalho a todas as populações negligenciadas e invisibilizadas na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Como busco fazer em todos os momentos da minha vida, agradeço primeiramente a Deus por mais essa etapa concluída. A Ele toda honra e glória sempre! Aos meus pais – José Luiz e Girlene – por não medirem esforços em prol da minha educação e formação acadêmica. Faço uma menção especial àqueles que foram os mais afetados diretamente nos meses de produção acadêmica: minha esposa, Adriane, e meus filhos – Davi e Giovanna –, que generosamente abriram mão de tempo comigo, de passeios e brincadeiras nos fins de noite e de semana, para que pudesse me dedicar mais à pesquisa. Meu muito obrigado por todo apoio, suporte e compreensão. Amo vocês!

Aos meus amigos e colegas de trabalho na Direh, com quem tenho a felicidade de partilhar um terço dos meus dias. À Assessoria de Comunicação da unidade – Eduardo e Lara – pelos momentos em que conduziram o setor de forma brilhante na minha ausência. Sem palavras para agradecê-los. Ao Manuel, que divide a sala conosco e está sempre disposto a colaborar, e tantos outros amigos especiais com quem pude ter várias conversas de encorajamento ao longo da caminhada. Nesse quesito, faço menção especial à Lucina, minha amiga pós doutoranda, craque em metodologia. Ao meu chefe e diretor de Recursos Humanos da Fiocruz, Juliano Lima, agradeço pela confiança depositada em mim desde o primeiro momento.

Raquel Aguiar, um prêmio especial nessa reta final. Colega de Fórum de Comunicação, por quem sempre nutri admiração e respeito profissional, e que tive a felicidade de ganhar como orientadora. Agradeço por cada conselho, pela clareza e lucidez de pensamentos, pela produção acadêmica no campo, por cada indicação bibliográfica, dicas, leitura atenciosa, revisões e por me passar a confiança necessária nessa última etapa da especialização. Estendo a gratidão à equipe do Sejour/IOC, que com um trabalho exemplar subsidiou grandemente a parte analítica da minha pesquisa, e, também, ao parecerista da banca, Rogério Lannes, pela dedicação e cuidado com que tratou o trabalho, dedicando-se à leitura e fazendo apontamentos e comentários extremamente generosos e frutíferos.

Aos coordenadores do curso, Janine e Igor, a cada professor – com destaque para Inesita, que só conhecia dos livros e artigos, até ter a oportunidade de ser seu aluno – aos palestrantes convidados, funcionários da Secretaria Acadêmica e toda a equipe do Laces/Icict, pelas pesquisas que desenvolvem no campo e por essa iniciativa incrível que é o curso de Especialização em Comunicação e Saúde. Continuem! Mais pessoas merecem essa oportunidade.

Cito ainda os pesquisadores e pesquisadoras de temas relacionados ao desse estudo que me forneceram aporte teórico e olhares metodológicos, dentre os quais destaco Aline Guio Cavaca, que além de contribuições riquíssimas com o campo, foi uma das fontes inspiradoras da minha pesquisa e gentilmente me atendeu, compartilhando informações preciosas de seus estudos.

Por fim e não menos importante – mesmo – agradeço aos melhores companheiros de turma, com quem pude dividir essa experiência e aprender muito em 2016. Esses, que concluem essa etapa comigo, merecem citação nominal. Aí vai: Alice, Ariene, Augusta, Bruno, Davi, Debora, Deivson, Diego, Felipe, Fernanda, Fernanda, Gislaine, Jaqueline, Karla, Mariana, Mônica, Patrícia, Paula, Roberto e Rogério ‘CeS’ são bons demais!

A todos aqui citados direta ou indiretamente, meu muito obrigado. Nós conseguimos!

Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.

(Mateus 25:40)

RESUMO

Invisibilizadas em diversos aspectos, as doenças negligenciadas estão diretamente relacionadas a situações de pobreza e são perpetuadas por elas, atingindo cerca de um sexto da população mundial, de acordo com dados da Organização Mundial da Saúde. Estas doenças de caráter endêmico são alvo de negligenciamento também pela mídia, que, de modo geral, as silencia. Observamos o tema a partir do campo da Comunicação e Saúde e analisamos, em especial, a atividade de assessoria de imprensa na interface entre as instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde e os veículos de mídia, resultando na análise da produção e circulação de sentidos sobre saúde e doenças negligenciadas no noticiário. Desenvolvemos uma metodologia com a proposta de mensurar o grau de influência que essas assessorias podem exercer sobre as pautas circuladas na imprensa. Para o estudo, escolhemos a esquistossomose, presente em 19 das 27 unidades federadas do país, e cuja pauta sobre o avanço de uma vacina na Fiocruz foi o objeto central da pesquisa. Além dos aspectos quantificáveis, a análise tem como referências o conceito ampliado de saúde, a atuação do SUS e a relação dos determinantes sociais da saúde com as doenças negligenciadas, bem como preceitos da análise de discursos. O estudo conclui que o uso estratégico das assessorias pode ser favorável não só aos interesses das instituições públicas, mas também às demandas sociais.

Palavras-chave: Doenças negligenciadas; Comunicação e Saúde; Assessoria de imprensa; Esquistossomose.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	07
2. Referencial Teórico.....	11
2.1. O Campo da Comunicação e Saúde.....	11
2.2. Mediações e Assessoria de Imprensa.....	12
2.2.1. A Agenda-Setting.....	15
2.3. Saúde e seus Determinantes Sociais.....	16
2.4. Doenças Negligenciadas e Esquistossomose.....	18
2.5. Doenças Negligenciadas, Critérios de Noticiabilidade e Visibilidade Midiática.....	19
2.5.1. O Valor-Saúde e o Valor-Saúde-Notícia.....	21
3. Metodologia.....	23
4. Análise Exploratória.....	25
4.1. O Press Release.....	25
4.2. Mídia Impressa (Jornais).....	26
4.2.1. Jornal do Commercio (Pernambuco).....	26
4.2.2. O Estado de São Paulo (São Paulo).....	27
4.2.3. Diário do Amazonas (Amazonas).....	28
4.2.4. Folha de Londrina (Paraná).....	29
4.2.5. Correio Braziliense (Distrito Federal).....	30
4.2.6. Folha de Pernambuco (Pernambuco).....	31
4.2.7. Outros Impressos da Região Sudeste: A Tribuna (ES), O Tempo (MG) e Extra (RJ).....	32
4.2.8. Síntese da Análise Exploratória.....	33
5. Considerações Finais.....	37
Referências Bibliográficas.....	41
Anexos.....	45

1. Introdução

As doenças negligenciadas consistem em um grupo de enfermidades que, por suas características e formas de evolução, atingem populações pobres e geralmente periféricas, associadas a um comportamento de descaso tanto por parte de agentes públicos, quanto de entidades privadas, como as indústrias farmacêuticas e instituições de pesquisa. Essa classificação relativamente recente, adotada a partir da década de 1970, tem sido utilizada para se referir a um conjunto de doenças causadas por agentes infecciosos e parasitários (vírus, bactérias, protozoários e helmintos), que são endêmicas em população de baixa renda vivendo, principalmente, em países em desenvolvimento (SOUZA, 2010). Diante deste cenário, o Estado surge como um importante ator nos processos relacionados às doenças negligenciadas, por meio de atividades de atenção básica, geração de conhecimento científico e inovação, formulação de políticas públicas, dentre outras iniciativas.

Estas doenças “afetam mais de um bilhão de pessoas vivendo em condições de pobreza, com renda inferior a dois dólares por dia, e contribui para a manutenção de um quadro de desigualdade social e subdesenvolvimento” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2010). Ainda segundo informações da OMS, no mundo, hoje, um conjunto de 17 doenças são consideradas negligenciadas. Dessas, cerca de um terço afetam o Brasil. Em 2012, o Ministério da Saúde publicou um plano de ação quadrienal – referente ao período 2011-2015 – para combate de seis endemias no âmbito das doenças negligenciadas: hanseníase, filariose, esquistossomose, oncocercose, tracoma e geohelmintíases. O documento de referência é o Plano Integrado de Ações Estratégicas da Eliminação da Hanseníase, Filariose, Esquistossomose e Oncocercose como Problema de Saúde Pública, Tracoma Como Causa de Cegueira e Controle das Geohelmintíases (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012).

Em relação às doenças negligenciadas, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) desenvolve atividades em diversas frentes, incluindo pesquisa, produção e formação. Na dimensão da comunicação, na medida em que é um importante enunciador sobre o tema, a instituição atua na produção e circulação de sentidos no campo da saúde pública junto à sociedade. Essa dinâmica ocorre por meio de ações como a produção de conteúdo sobre as doenças negligenciadas, em diversos meios e gêneros, e pelo estímulo do agendamento deste tema junto à imprensa. Instituição centenária, a Fiocruz é uma autarquia do Ministério da Saúde que atua nos campos da Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (CT&I/S) e desenvolve ações de

pesquisa, produção, ensino, assistência, gestão, informação e comunicação em interface com a saúde.

“A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) é uma instituição de ciência e tecnologia em saúde vinculada ao Ministério da Saúde (MS) e que tem como objetivos produzir, disseminar e compartilhar conhecimentos e tecnologias voltados para o fortalecimento e consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), que contribuam para a melhoria da saúde e da qualidade de vida da população brasileira, para a redução das desigualdades sociais e para a dinâmica nacional de inovação, tendo a defesa do direito à saúde e da cidadania ampla como valores centrais” (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2014, p.19).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) propôs em sua Carta Magna, assinada em 7 de abril de 1948, um conceito de saúde diferenciado, o qual constituiu um passo importante na compreensão desse fenômeno, apesar das restrições e controvérsias que o modelo apresentava e ainda apresenta (PRATTA e SANTOS, 2009, p. 207). Para a OMS, saúde corresponde a um estado de completo bem-estar físico, mental e social. No âmbito desse conceito ampliado de saúde – que vai além da simples ausência de doença –, outro papel importante que a Fundação se propõe a desempenhar é o de ampliar o debate sobre pautas relevantes na sociedade, democratizando o acesso a informações científicas. A partir do momento em que circulam, os temas silenciados ganham notoriedade e passam a ser apropriados de diversas formas pelos indivíduos. As doenças negligenciadas, com exceção da dengue no auge de seus picos endêmicos, conforme apontado por Aguiar (2016), são invisibilizadas também pela mídia, assim como observado de forma mais ampla e, em especial, na indústria da saúde:

“São doenças que não recebem nenhum ou precários investimentos do ponto de vista da comunicação. No contraponto, imensa quantidade de materiais de comunicação é voltada, por exemplo, para a Aids, que sempre recebeu muita atenção, pesquisas, investimentos” (ARAÚJO, MOREIRA & AGUIAR, 2013, p. 8).

O negligenciamento de doenças e de populações é inseparável, estão diretamente relacionados, como os autores apontam:

“O negligenciamento de uma doença – que evoca o discurso de segregação, periferia e esquecimento, seja pela indústria farmacêutica, pelos governos ou pelos sistemas de saúde – significa também, de forma concomitante e inextrincável, o negligenciamento das populações vitimadas por estes agravos. Pré-existente e, ao mesmo tempo, intensificado pela ocorrência de agravos negligenciados, o negligenciamento das populações está correlacionado à pobreza, num círculo vicioso que vigora para um sexto da população mundial” (ARAÚJO, MOREIRA & AGUIAR, 2013, p. 3).

Ao produzir e fazer circular sentidos sobre o tema na imprensa, a Assessoria de Comunicação de uma instituição pública de CT&I/S, como a Fiocruz, presta um serviço social, ao mesmo passo em que divulga suas próprias atividades e contribui com a capilarização de suas ações. Cada vez que uma doença negligenciada é pautada na mídia, ela ganha visibilidade, de modo que se promove a oportunidade potencial de geração de atenção e de interesse a tais doenças.

Neste cenário, indagamos como os sentidos produzidos e circulados sobre as doenças negligenciadas pelas assessorias de imprensa que atuam nas instituições de CT&I/S impactam nas notícias sobre o tema nos veículos de comunicação de massa. Essa é a questão de pesquisa sobre a qual se pretende investigar, considerando o papel específico das Assessorias de Comunicação Social em interface com o campo da Comunicação e Saúde.

Outras perguntas complementam nossa perspectiva sobre o tema. As doenças negligenciadas também são silenciadas na grande mídia, com poucas produções noticiosas acerca delas. Assim sendo, quando veiculadas, elas são impulsionadas pelas assessorias de imprensa de órgãos públicos que desenvolvem atividades relacionadas ao tema? Qual a relação entre o trabalho das assessorias de Comunicação, adotando a Fiocruz como um estudo de caso, no agendamento do assunto junto à mídia e, por consequência, pela circulação de sentidos sobre as doenças negligenciadas?

Enquanto justificativas para a investigação, destacamos a baixa produção acadêmica sobre o tema da comunicação em relação às doenças negligenciadas (AGUIAR, 2016) e a alta prevalência das doenças negligenciadas no país, conforme apontado por Hotez (2008). Como justificativas adicionais, incluímos a demanda de compreender os processos de negligenciamento em saúde na dimensão simbólica e a oportunidade de caracterizar o potencial das instituições de CT&I/S que se dedicam ao tema de atuarem como motores de visibilidade das doenças negligenciadas por meio das atividades de assessoria de imprensa.

Do ponto de vista de seus objetivos, a pesquisa assume como o principal analisar o papel das assessorias de imprensa atuando em instituições de CT&I/S na produção e circulação de sentidos no campo da Comunicação e Saúde, no que se refere às doenças negligenciadas, adotando o estudo de caso da vacina para esquistossomose desenvolvida pela Fiocruz. Especificamente, os objetivos do estudo são: identificar pontos de aproximação e de afastamento entre o texto originalmente produzido pela Fiocruz e os textos de notícias publicadas na mídia; observar o silêncio ou visibilidade sobre aspectos relacionados ao negligenciamento da esquistossomose; observar as referências às dimensões biomédica e social relacionadas à doença, em especial quanto às causalidades e observar as referências a pacientes.

2. Referencial Teórico

2.1. O Campo da Comunicação e Saúde

Nossa perspectiva de análise parte do campo da Comunicação e Saúde. Suas definições, características, teorias e reflexões abrem a discussão e demarcam o olhar no qual a pesquisa se desenvolve. O conceito de campo utilizado é o de Pierre Bourdieu (1996), um espaço dinâmico de disputas e construções sócio discursivas, onde ocorre a produção de sentidos sociais. Araújo e Cardoso (2007) partem dessa concepção para iniciarem a discussão sobre um “campo nascente”, o da Comunicação e Saúde, que se estrutura por meio da articulação entre os dois campos já consolidados – o da Comunicação e o da Saúde – em uma interface própria que dialoga com vários outros campos –, como o da Ciência e Tecnologia, Informação, Educação, Movimentos Sociais, Políticas Públicas etc. Seu diferencial em relação às abordagens já existentes viria a ser justamente essa posição de igualdade na inserção entre os dois campos que o formam, sem que haja subordinação de um em relação ao outro.

“Não é uma perspectiva que vê a comunicação como um conjunto de instrumentos a serviço dos objetivos da saúde. As formas ‘comunicação em saúde’, ‘comunicação para a saúde’, ‘comunicação na saúde’, bastante utilizadas, refletem em geral a visão instrumental de comunicação, mais corrente nas instituições de saúde. Falar em comunicação ‘e’ saúde aponta para uma distinção e uma opção teórica e política” (ARAÚJO E CARDOSO, 2007, p. 20).

Características próprias do campo da Comunicação e Saúde, como o dialogismo, a polifonia e a teoria do mercado simbólico (ARAÚJO, 2003-2004), dentre outras articulações que democratizam o acesso à fala e, conseqüentemente, o poder constituído pelo capital simbólico, possibilitam o questionamento acerca do modo hegemônico de se fazer comunicação em saúde, tradicionalmente verticalizado, sem troca e reconhecimento do outro como parte integrante do processo, com a imposição de uma fala autorizada, no sentido centro-periférico. Tais aspectos remetem aos primeiros modelos teóricos de comunicação pensados ainda no decorrer do século XX por autores como Mauro Wolf (1999), que abordaremos na sequência.

O campo atua diretamente na produção social de sentidos cujas disputas pelo poder da fala ocorrem no chamado mercado simbólico, lugar onde esses sentidos são negociados e consumidos por uma espécie de moeda, o capital simbólico. A possibilidade de romper com o modelo tradicional de se pensar comunicação é uma vantagem do campo da Comunicação e Saúde, que estimula também a diversidade de protagonistas em diferentes locais de fala. Nessa

concepção comunicacional não se visa à extinção do ruído, mas, sim, analisar possibilidades contra hegemônicas de se comunicar e produzir sentidos.

“A partir da noção de comunicação como um mercado simbólico, pode-se definir a prática comunicativa como o ato de ativar o circuito produtivo dos sentidos sociais. Produção e circulação são seu espaço mais evidente. Mas, se considerarmos o processo de semiose infinita, que estabelece que cada receptor/consumidor é também um produtor de novos sentidos, a partir mesmo do ato e dos modos de consumir, então o consumo é espaço essencial da comunicação” (ARAUJO, 2004, p. 170).

A citação acima reforça o papel do receptor nesse conceito de comunicação democrática adotada pelo campo. Por essa razão, neste cenário de empoderamento atores como assessores de imprensa – e mesmo os grandes veículos de comunicação – teriam que conquistar seus espaços com mais diálogo e convencimento. No modelo tradicional, no qual o sistema linear ainda é marcante, possui mais ‘poder’ aquele capaz de fazer sua fala se sobressair em relação aos demais. No modelo hegemônico ganha a vez e espaço no subconsciente aquele que consegue ter o maior poder de fala e de convencimento. O poder do “fazer ver e fazer crer”, utilizado por Bourdieu (2011).

“O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for ‘reconhecido’, quer dizer, ignorado como arbitrário” (BOURDIEU, 2011, p.14-15).

Ser notado pela audiência, em um ambiente social polifônico, é condição essencial para vencer as disputas de um mercado cuja moeda é o capital simbólico.

“A visibilidade se torna, desta forma, uma característica marcante dos tempos atuais, tal qual a intensa dependência dos meios de informação. Assim sendo, no que diz respeito à saúde, a visibilidade faz-se determinante na construção e manutenção do lugar de fala dos indivíduos no espaço público e no mercado simbólico das práticas e políticas de saúde” (CAVACA, 2015, p. 72).

2.2. Mediações e Assessoria de Imprensa

Como premissa básica do jornalismo e do papel da comunicação na sociedade, consideramos que as reflexões acerca da midiatização e o olhar crítico sobre as mediações são

aspectos teóricos a serem abordados e expandidos em conceitos desenvolvidos respectivamente por Sodré (2006) e Barbero (1997), este último, em especial, que começa a pensar nas diferentes formas de apropriação que cada indivíduo faz sobre os textos com os quais tem contato, o que inclui esse sujeito como interlocutor no processo comunicacional – em oposição aos modelos de comunicação verticalizada, como a Teoria Hipodérmica desenvolvida na Escola de Frankfurt por Adorno e Horkheimer (1985). Esse entendimento é fundamental para o estudo de produção e circulação de sentidos que se pretende realizar, a partir do campo da Comunicação e Saúde.

Destacamos uma atividade específica que se relaciona diretamente com o circuito de produção e circulação de sentidos: a atividade de assessoria de comunicação social ou de assessoria de imprensa. De acordo com Kunsch (2003), “a assessoria de imprensa é uma das ferramentas essenciais nas mediações das organizações com o grande público, a opinião pública e a sociedade, via mídia impressa, eletrônica e internet” (KUNSCH, 2003, p.169).

Para descrever as ferramentas e atuação operacional das assessorias, tomamos por base o conceito proposto por Duarte (2002) para definir o press release, uma ferramenta central nas atividades de assessoria. Segundo o autor, trata-se do “instrumento mais usual e tradicional em uma assessoria de imprensa e objetiva informar ou chamar a atenção do jornalista para um assunto que possa tornar-se notícia” (DUARTE, 2002, p.252). Já o press kit é descrito como material entregue aos comunicadores em eventos importantes, como uma entrevista coletiva de imprensa, e que “em geral, fornece subsídios em abundância para motivar e ajudar em seu trabalho” (DUARTE, 2002, p.251).

No caso das assessorias de imprensa, trata-se de profissionais que atuam como “mediadores dos mediadores”, com responsabilidade em reportar as realizações e posicionamentos de determinada instituição perante a mídia. Como observaram Clébicar e Lerner (2016), “[...] nem tudo o que é enviado sai no jornal, mas quase toda pauta produzida conta, em alguma medida, com participação das assessorias” (CLÉBICAR E LERNER, 2016, p. 10). Existe, portanto, uma participação relevante das assessorias de imprensa naquilo que é publicado na mídia como notícia.

Para Pery Cotta, “notícia é, na técnica de jornalismo, a informação sobre uma pessoa ou um acontecimento, fato novo, inédito, ou inusitado, capaz de provocar impacto, interesse ou despertar curiosidade das pessoas” (COTTA, 2005, p.76). Já Mauro Wolf destaca alguns dos critérios pensados para definição de uma notícia: “Podemos definir os valores/notícias (new values) como um componente de noticiabilidade. Esses valores constituem a resposta à pergunta seguinte: quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes,

significativos e relevantes para serem transformados em notícias?” (WOLF, 1999, p.195). Adicionamos a estas perspectivas os componentes e fatores de estruturação da notícia pensados por Lage (2011), que a centraliza no processo comunicacional

“Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos mais importantes ou interessantes; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante. Essa definição pode ser considerada por uma série de aspectos. Em primeiro lugar, indica que não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los” (LAGE, 2011, p. 20).

Lage, portanto, se alinha aos autores que dialogam com o campo da Comunicação e Saúde, como Paulo Freire (1977), ao considerar a participação ativa do emissor e suas diversas formas possíveis de apropriação do conteúdo, mesmo reconhecendo a importância do papel da notícia e o peso de seu interlocutor.

“De modo geral, pode-se afirmar que a recepção de qualquer mensagem não é processo passivo, o que deixaria a audiência submetida ao discurso do emissor. Ela envolve atividade de inferência, escolha de sentidos e percepção conforme o contexto da enunciação (a condição em que é feita), do enunciado (o que vem antes, o que vem depois) e o estoque de memória de cada receptor” (LAGE, 2011, p. 20).

Numa perspectiva dialógica, os valores-notícias estabelecidos pela mídia, no campo da Comunicação, devem ser criticados no campo da Comunicação e Saúde, uma vez que tais critérios podem não dialogar com as demandas de informações sobre saúde oriundas da população, como analisa Cavaca (2015).

“Apesar de ter alguma frequência o espaço dedicado à saúde nos grandes jornais diários das grandes cidades, verifica-se que estes espaços usualmente são preenchidos com uma agenda cujos fatos contêm atributos dos “valores notícia” do jornalismo. Ao comparar esses atributos das matérias da agenda jornalística referentes à saúde com os atributos que determinariam matérias mais úteis à população em geral, principalmente a população mais carente, verifica-se um descompasso. O interesse jornalístico definido pelos “valores notícia” pode, algumas vezes, coincidir com as carências de informação da saúde da população, mas em muitos casos a agenda puramente jornalística pouco oferece nessa direção” (CAVACA, 2015, p. 27)

Essa reflexão argumenta em favor do estabelecimento de critérios próprios de noticiabilidade que atendam às necessidades sanitárias, os “valores-saúde”, que serão abordados mais à frente, como discussão teórico-metodológica. Na prática, os valores notícias tradicionais regem o

funcionamento dos veículos de imprensa e suas seleções de fatos influenciam nas discussões e pautas sociais, a hipótese denominada agenda-setting.

2.2.1. A Agenda-Setting

O painel de notícias em circulação – aquelas sobre as quais discutimos no cotidiano – está relacionado ao processo de agenda-setting, ou agendamento, proposto por Maxwell McCombs e Donald Shaw in Wolff (1999), na década de 1970, para apontar que os meios de comunicação influenciariam diretamente as discussões sociais. “Esta hipótese defende que em consequência da ação dos jornais, da televisão e de outros meios de informação, o público sabe ou ignora, presta atenção ou descarta, realça ou negligencia elementos específicos dos cenários públicos” (WOLF, 1999, p.140).

Entretanto, apesar de influenciar a agenda social, conforme alegação do autor citado, tal hipótese defende que os meios de comunicação não cometem persuasão, mas são capazes de indicar os assuntos sobre os quais se faz necessário opinar e discutir na sociedade a cada momento. Outros trabalhos mais recentes, que realizam essa revisão bibliográfica, ratificam a análise.

“A teoria do agendamento propõe que os meios de comunicação têm a capacidade (não intencional nem exclusiva) de pautar na sociedade temas que são objetos de debate público em cada momento. Sendo assim, a mídia pode não dizer às pessoas como pensar sobre determinados assuntos, mas são bem-sucedidas ao dizê-las no que pensar” (CAVACA, 2015, p. 21).

Dessa forma, sobre essa teoria de indicadores de relevâncias sociais, concluímos que “o pressuposto fundamental do agenda-setting é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida por empréstimo, pelos meios de massa” (SHAW, 1979, p.96). Apesar das numerosas críticas apontadas ao conceito, basicamente em virtude de sua verticalidade, a ideia básica do agendamento da mídia sobre discussões sociais permanece útil para pensar o noticiário. Além disso, os próprios veículos de comunicação possuem o poder de influenciar suas agendas.

“Conforme nos lembra Sousa (2006), os próprios meios de comunicação também podem agendar uns aos outros. É o que ocorre, por exemplo, quando um telejornal pauta seu noticiário a partir de um jornal impresso ou quando os telejornais vespertinos veiculam os assuntos noticiados na imprensa matutina. Vale ressaltar que, embora a relevância que a comunicação social dá aos diferentes temas geralmente coincida com a importância que esses assuntos possuem na agenda pública, isso nem sempre acontece”. (CAVACA, 2015, p. 22)

No caso da Fiocruz que é alvo do estudo que pretendemos realizar, as atividades são embasadas por um manual de assessoria de imprensa (2009), bem como a política de comunicação da Fundação, construída coletivamente e aprovada no âmbito da Fiocruz (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2016). O manual para os assessores da instituição já indica o papel fundamental da mídia na circulação de sentidos sobre a atuação da Fiocruz:

“Quem está habituado à leitura cotidiana de um jornal, a acompanhar o noticiário na televisão ou mesmo a programação do rádio já deve ter percebido que as ações da Fiocruz aparecem de forma contínua nos veículos de comunicação social. O noticiário sobre a Fundação não foi parar ali por acaso. Ele é fruto do esforço cotidiano da assessoria de imprensa em sua tarefa de divulgar o trabalho institucional e fazer valer aquela que tem sido uma das cláusulas pétreas da política da Fundação: controle social com prestação de contas permanente do dinheiro público que é aplicado em cada metro quadrado de Manguinhos e também das unidades espalhadas pelo Brasil”. (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2009, p.5)

Cabe ressaltar que o agendamento de temas na sociedade é uma prerrogativa potencial dos meios de comunicação e não diretamente das assessorias de imprensa. Porém, recuperando o conceito de “mediadores dos mediadores”, de Clébicar e Lerner (2016), devemos entender que as assessorias podem influenciar os veículos em suas pautas sociais que constituem a agenda setting.

2.3. Saúde e Determinantes Sociais

Propomos a discussão sobre o conceito ampliado de saúde a partir da perspectiva de Buss e Pellegrini Filho (2007):

“A definição de saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade inserida na Constituição da OMS no momento de sua fundação, em 1948, é uma clara expressão de uma concepção bastante ampla da saúde para além de um enfoque centrado na doença” (BUSS & PELLEGRINI FILHO, 2007, p.80).

As reflexões sobre as políticas sociais passam ainda pelo processo de formulação e implantação do Sistema Único de Saúde no Brasil, o SUS, como principal política pública de Estado na saúde, que traz em sua concepção diretrizes como equidade, universalidade, integralidade, hierarquização, descentralização e participação (PAIM, 2009).

A historicidade da concepção de saúde e doença também é um elemento importante para embasar nossa abordagem, em especial no que diz respeito ao modelo hegemônico do discurso biomédico. De acordo com Czresnia, Maciel e Oviedo (2013), “o [livro] Sentidos da Saúde e da Doença se propõe a estimular a curiosidade e apresentar reflexões e exemplos que conduzam a outros modos de olhar a saúde e a doença ao situar o modelo biomédico como uma construção histórica” (CZRESNIA, MACIEL & OVIEDO, 2013, p.7).

Nas relações entre saúde e doença, cabe destacar os determinantes sociais da saúde (DSS), um conceito central para pensar as doenças relacionadas à pobreza. É nesse ponto que incluímos o poder público mais fortemente na discussão e apontamos as consequências que a falta de saneamento básico, por exemplo, podem proporcionar entre populações negligenciadas, levando até à morte por doenças que poderiam ser evitadas simplesmente com o fornecimento de infraestrutura básica para pessoas que recebem menos de dois dólares por dia e estão socialmente abaixo da linha da pobreza (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2010). De acordo com Buss e Pellegrini Filho:

“As diversas definições de determinantes sociais de saúde (DSS) expressam, com maior ou menor nível de detalhe, o conceito atualmente bastante generalizado de que as condições de vida e trabalho dos indivíduos e de grupos da população estão relacionadas com sua situação de saúde. Para a Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), os DSS são os fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que influenciam a ocorrência de problemas de saúde e seus fatores de risco na população. A comissão homônima da Organização Mundial da Saúde (OMS) adota uma definição mais curta, segundo a qual os DSS são as condições sociais em que as pessoas vivem e trabalham” (BUSS E PELLEGRINI FILHO, 2007, p.78).

O conceito dos DSSs vai ao encontro daquilo que a OMS já preconizara como condições plenas de saúde, com a inclusão de aspectos sociais e culturais nessa concepção, indo além de fatores fisiológicos e bioquímicos. No caso das doenças negligenciadas, a perspectiva dos determinantes sociais da saúde é fundamental.

2.4. Doenças negligenciadas e esquistossomose

No conjunto das doenças negligenciadas, que como já dito são 17 em todo o mundo (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2010), destacamos a situação da esquistossomose, no país, a partir das informações reunidas no “Plano Integrado de Ações Estratégicas de Eliminação da Hanseníase, Filariose, Esquistossomose e Oncocercose como

Problema de Saúde Pública, Tracoma como Causa de Cegueira e Controle das Geohelminthiases: Plano de Ação 2011-2015” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2012). Importante destacar o verbo ‘eliminar’, como principal objetivo do plano para a esquistossomose – trata-se de um dos aspectos de contexto importantes para a análise pretendida no estudo, buscando-se identificar se essa característica surge na produção de sentidos sobre essa doença.

No que diz respeito aos aspectos biomédicos, a esquistossomose é caracterizada como uma doença parasitária associada a um verme trematódeo chamado *Schistosoma mansoni*. As formas adultas deste verme se instalam nos vasos mesentéricos do homem, que é seu hospedeiro definitivo, enquanto as formas intermediárias do verme se desenvolvem em caramujos aquáticos do gênero *Biomphalaria*, que costumam habitar em rios de água doce.

“Trata-se de uma doença, inicialmente assintomática, que pode evoluir para formas clínicas extremamente graves e levar o paciente a óbito. A magnitude de sua prevalência, associada à severidade das formas clínicas e a sua evolução, conferem a esquistossomose uma grande relevância enquanto problema de saúde pública. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016)

Do ponto de vista dos aspectos sociais, a doença está diretamente ligada a condições de pobreza. São os esgotos sem tratamento despejado nos rios – ou até mesmo sua total ausência - que garantem o ciclo de transmissão da esquistossomose. Como um aspecto relevante para registro, são comuns as reinfecções sucessivas do mesmo paciente, uma vez que as determinações causais da doença do ponto de vista social seguem inalteradas.

Segundo dados do Ministério da Saúde, em 2014, 480 pessoas morreram em decorrência da esquistossomose no país, uma doença cujo ciclo obrigatoriamente se dá devido à ausência de saneamento básico. Os dados são do Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM (MS/VSV/CGIAE), disponíveis no portal do Ministério da Saúde (2016). Somente entre 2010 a 2014, quase 2,5 mil mortes ocorreram por conta da doença. Os maiores índices ocorrem no Nordeste, com ampla liderança do estado de Pernambuco. “A esquistossomose mansônica permanece um grave problema de saúde pública no país e no mundo. Há diversas áreas no Brasil endêmicas para a moléstia, constituindo importante causa de morbidade e mortalidade da população” (SOUZA ET AL, 2011).

Ainda sob o ponto de vista da ameaça e do esquecimento, em 2012, durante o 18º Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária, que ocorreu no Brasil, o então presidente da Federação Internacional de Medicina Tropical, Claudio Tadeu Daniel-Ribeiro, estimou que aproximadamente 2,5 milhões de pessoas no mundo teriam esquistossomose e que

40% da população mundial corria o risco de contrair uma doença negligenciada tropical. (RADIS, 2013, n. 124, p.9)

Outro indicador relevante do negligenciamento de uma doença, é o silenciamento dela por parte da imprensa. Em sua tese, Cavaca (2015) alcunha o termo Doenças Midiaticamente Negligenciadas, para se referir àquelas doenças que possuem demanda social relevante, mas que não têm o mesmo tratamento por parte da imprensa. A análise tem como lócus de exploração o estado do Espírito Santo e Portugal. O resultado da pesquisa no estado capixaba originou um artigo publicado na revista científica internacional especializada em doenças tropicais negligenciadas, a PLOS Neglected Tropical Diseases (2016). O estudo foi realizado por meio da aplicação de uma metodologia científica própria e conclui que “a visibilidade gerada pela mídia atua como uma estratégia para legitimar prioridades e contextualizar várias realidades. Por conseguinte, propomos que os problemas de saúde identificados entrem na agenda e passem a ser reconhecidos como demandas legítimas” (CAVACA ET AL, 2016, p. 1.)

2.5. Doenças negligenciadas, critérios de noticiabilidade e visibilidade midiática

No âmbito das doenças negligenciadas, vale considerar a “dupla transitividade do verbo negligenciar” (ARAÚJO, MOREIRA & AGUIAR, 2013, p. 3), que se refere ao fato de que, além dos agravos, as populações também são alvo de negligenciamento, palavra que carrega sentidos de abandono e esquecimento. Essas características também são observadas na imprensa tradicional, que pouco fala sobre o tema, deixando assim de cumprir um papel social fundamental junto a essas populações que vivem em regiões endêmicas, reforçando uma situação de baixa capacidade de vocalização e reivindicação política:

“Este grupo de doenças afeta, em grande parte, pessoas de baixa renda e pessoas politicamente marginalizadas que vivem em áreas rurais e urbanas. Tais pessoas não podem facilmente influenciar as decisões administrativas e governamentais que afetam a sua saúde e muitas vezes parecem não ter representantes que falem em seu nome” (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2010, p.5).

O poder simbólico de “fazer ver e fazer crer” (BOURDIEU, 1989 e 2011), eleva os meios de comunicação a um patamar de validador de existência em nossa sociedade. Para existir, é preciso estar na mídia, ser visto, ser notado. A midiaticização – que se agiganta com o advento das redes sociais – a qual somos submetidos diariamente é uma evidência desse processo. Esses fatores aumentam a relevância e o sentido que se produz em ser reconhecido ou negligenciado pela mídia.

“Em outras palavras, os indivíduos passam a ser levados em consideração a partir do momento em que se produzem informações a seu respeito ou que têm acesso aos meios de produção e circulação de suas ideias e propostas, produzindo assim sua própria visibilidade” (ARAÚJO, MOREIRA & AGUIAR, 2013, p.5).

No mesmo artigo, Araújo et. al. (2013) advertem, ainda, que quem não é visto, não é lembrado. “Na condição de invisíveis, indivíduos, grupos e doenças não serão levados em consideração na destinação de recursos, no planejamento e na promoção de ações de prevenção, assistência e vigilância à saúde. Por outro lado, não há como se garantir a equidade”, afirmam. Na mesma linha, Cavaca (2015) cita o artigo em sua tese e contribui com as reflexões propostas.

“Assim como a visibilidade pode contribuir para o reconhecimento das necessidades de saúde, a invisibilidade pode levar à negligência. Ou seja, diante do (re)conhecimento público de um determinado agravo através dos meios de comunicação, por exemplo, é mais provável que o mesmo se transforme em objeto de pesquisa e apareça nas estatísticas oficiais, motivando assim a discussão de políticas públicas sobre suas questões” (CAVACA, 2015, p. 28).

Nesse sentido, os autores defendem ser fundamental a inclusão da comunicação como um indicador de negligenciamento. E justificam:

“[...] Ali, onde só se escutam as altissonantes vozes autorizadas da mídia e das instituições, a constatação da ausência da comunicação como indicador de desigualdades sociais produziu inquietações: se a ausência de comunicação agrava a situação sanitária das pessoas ou de uma região, por que a comunicação não é considerada indicador de negligenciamento?” (ARAÚJO, MOREIRA & AGUIAR, 2013, p.3).

Na imprensa internacional, a característica de silenciamento das doenças negligenciadas também é percebida. Um estudo norte-americano que analisou a cobertura midiática das doenças negligenciadas no país, entre 2003 e 2007, obteve pouquíssimos resultados em seus levantamentos e constatou que “as agências de saúde pública precisam aumentar a prioridade para a defesa de doenças negligenciadas” (BALASEGARAM ET AL, 2008, p.1). Tal discrepância é ainda mais evidente quando o estudo compara o espaço destinado a doenças com financiamentos mais elevados, como HIV/Aids, que no mesmo período teve uma cobertura cem vezes maior do que as doenças negligenciadas nos veículos de comunicação estudados (um contraste entre mil e dez publicações, respectivamente). Um reflexo do que ocorre no Brasil e no resto do mundo que convive com essas mazelas:

“[...] voltamos aqui ao ponto da dupla transitividade do verbo negligenciar, aplicada à comunicação. As doenças como Chagas, Leishmanioses e outras, atingem populações pobres, que têm pouca ou nenhuma importância na economia nacional ou global. Em contrapartida, a Aids é uma doença que atinge também os países ricos e as classes abastadas e esta é uma das razões porque recebe tanto investimento, sendo privilegiada pelas políticas de comunicação” (ARAÚJO, MOREIRA & AGUIAR, 2013, p.8).

Apesar do predomínio de invisibilidade sobre o tema, algumas exceções podem ser notadas. Um exemplo é a revista Radis, publicação especializada no campo da Comunicação e Saúde com tiragem média de quase 100 mil exemplares por mês. A visibilidade conferida pelo veículo às doenças negligenciadas pode ser notada na edição de fevereiro de 2013 (número 124), que dedicou sua capa e matéria especial de dez páginas às doenças negligenciadas, com a cobertura do 18º Congresso Internacional de Medicina Tropical e Malária, em matéria intitulada “Atenção aos esquecidos” (RADIS, 2013, n. 124, p.9).

2.5.1. O Valor-Saúde e o Valor-Saúde-Notícia

Ainda sobre a relação entre doenças negligenciadas e mídia, Cavaca e Vasconcellos-Silva (2015) problematizam os critérios usuais de noticiabilidade, os chamados valores-notícias, para a cobertura da saúde, uma vez que tal abordagem reforça o distanciamento das doenças negligenciadas do noticiário e não correspondem necessariamente às demandas sociais de saúde. Isso ocorre, segundo os pesquisadores, porque os valores citados não levam em conta populações pobres e periféricas e propõem um conjunto de regras específicas capazes de transpor essa barreira, que seria o “valor-saúde”, aprofundando uma proposta economicista de Epstein (2009), chamado “valor-saúde-notícia”:

“Parte-se do questionamento do excessivo distanciamento entre os pesos que definem a divulgação de algum assunto (novidade, exclusividade, visibilidade, raridade), e os critérios que definem a relevância da divulgação das questões de saúde, sobretudo no que diz respeito às moléstias que prevalecem em condições de pobreza e não apresentam qualquer atrativo para a divulgação midiática. Dessa maneira, propõe-se a discussão sobre as diferenças entre as necessidades e valorações midiáticas (valores-notícia) e as necessidades de saúde (‘valor-saúde’), com o intuito de potencializar o diálogo entre ambos, a fim de propor uma lógica de valoração mais sintonizada. Sob tais ângulos, seria oportuna a criação de um ‘valor-saúde-notícia’, que entenda a comunicação midiática mais do que um insumo de saúde, mas como componente estratégico do campo da Comunicação e Saúde, de alta relevância para o desenvolvimento de Políticas Públicas” (CAVACA E VASCONCELLOS-SILVA, 2015, p. 90).

O valor-saúde consiste em um conceito alcunhado por Cavaca (2015) que é fundamentado em critérios epidemiológicos reveladores de relevância, que dialogam com critérios de valores midiáticos na identificação de doenças que deveriam ter prioridade na imprensa. “Trata-se de uma iniciativa de definição de um indicador que represente os problemas de saúde mais prementes para a população capixaba, os quais mereceriam destaque midiático por conta de sua relevância para a vida da população em geral”. (CAVACA, 2015, p. 52). A matriz metodológica da construção do valor-saúde foi obtida a partir das seguintes classificações epidemiológicas no Espírito Santo: principais causas de mortalidade; principais doenças de notificação compulsória; principais causas de internações pelo SUS e prioridades políticas do governo capixaba. Com base nesses critérios, levantados entre os anos de 2011 e 2012, obteve-se uma espécie de ranking das principais doenças locais e paralelamente, no mesmo período, realizou-se um levantamento de notícias de saúde nos dos principais jornais do estado (A Gazeta e A Tribuna). O desalinhamento entre as principais ocorrências de saúde em comparação à quantidade de notícias veiculadas na mídia local originou uma lista das chamadas doenças midiaticamente negligenciadas, no estudo.

Essa metodologia aplicada localmente no Espírito Santo apontou uma dissonância entre os critérios jornalísticos do valor-notícia e as reais demandas da população. Por analogia, entendemos que o negligenciamento das doenças ocorre por meio dos mesmos critérios de valoração dos fatos, daí a importância do campo da Comunicação e Saúde fomentar essa discussão e das assessorias de imprensa de órgãos governamentais ocuparem um espaço maior de interlocução com a grande mídia, uma vez que atuam de forma proativa para pautar assuntos de interesse institucional em consonância com sua missão e os interesses sociais.

3. Metodologia

A abordagem metodológica desta pesquisa consiste na mensuração e análise crítica do grau de impacto e influência que a assessoria de imprensa do órgão de CT&I/S, no caso a Fiocruz, pode exercer sobre a cobertura de doenças negligenciadas pela grande imprensa, uma análise, portanto, quantitativa e qualitativa. O objeto de estudo foi o anúncio de avanços na produção de uma vacina contra a esquistossomose desenvolvida pela Fiocruz, a Sm14, que teve sua segunda fase de testes clínicos com pacientes anunciada em agosto de 2016. Para realização da análise dos discursos, observamos o tratamento dado pela mídia impressa ao fato em destaque, partindo de uma comparação entre os produtos desenvolvidos pela assessoria de imprensa da instituição para divulgação da nova etapa da vacina com o conteúdo das notícias veiculadas na mídia. Objetivamente, destacamos doze características discursivas marcantes no press release para identificarmos quantas – e quais – delas apareceriam em seis jornais analisados e com que contextos. A partir da tabulação quantitativa dos dados foram realizadas operações matemáticas com uso de regra de três simples, possibilitando a mensuração do alinhamento entre release e matérias em índices percentuais, chamados de coeficientes de alinhamento.

Para que isso fosse possível, primeiramente foi realizada uma pesquisa documental de materiais produzidos pelo Serviço de Jornalismo e Comunicação do Instituto Oswaldo Cruz (Sejor/IOC/Fiocruz) e de publicações veiculadas em jornais impressos sobre o desenvolvimento da segunda etapa da vacina. O meio de circulação escolhido ainda tem forte apelo, presença e representatividade junto à sociedade, carrega o atributo da credibilidade e representa mais de 25% dos tipos de mídia em que o fato em estudo foi noticiado, sendo quatorze inserções em jornais de grande circulação, conforme relatório produzido pelo Sejor/IOC, e dos quais escolhemos seis para amostragem. A partir desses textos, trabalhamos elementos da análise dos discursos, sob a perspectiva da produção de sentidos no campo da Comunicação e Saúde. A análise se concentra basicamente em identificar reflexos gerados pelo press release nas notícias que circularam junto à sociedade.

No caso específico da vacina para esquistossomose, o Sejor produziu um press release e o anexou ao kit fornecido aos jornalistas que cobriram a pauta, o *press kit*. Conforme apontado em relatório produzido pelo Sejor, a entrevista coletiva que anunciou a nova etapa de desenvolvimento da vacina ocorreu no dia 26 de agosto de 2016, sendo realizada no campus da Fiocruz, em Manguinhos, no Rio de Janeiro. Esta estratégia foi complementada por entrevistas

concedidas via telefone pela pesquisadora responsável pelo estudo. Em todos os casos, foi fornecido o mesmo press release.

A divulgação teve repercussão imediata em sites noticiosos, rádios e telejornais. No dia seguinte ao anúncio, a pauta também se fez presente em jornais impressos de circulação nacional e regional. Entende-se que o material produzido pela assessoria de imprensa tenha subsidiado grande parte dos textos produzidos na mídia sobre o tema, hipótese que a pesquisa se propôs a investigar.

Nossa abordagem se foca na produção de sentidos sobre a esquistossomose gerada pela instituição de CT&I/S e pelos veículos da imprensa também com base nas premissas da análise dos discursos apresentadas por autores como Milton Pinto (1999) Norman Fairclough (2001) e Eni Orlandi (2009). De acordo com Pinto, “a análise de discursos não se interessa tanto pelo que o texto diz ou mostra, pois não é uma interpretação semântica de conteúdos, mas sim em como e por que o diz e mostra” (PINTO, 1999, p.27). Logo, se faz necessário elucidar que mais importante do que investigar a estrutura gramatical dos discursos é avaliar sua produção de sentidos.

“A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua., não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando” (ORLANDI, 2009, p.15).

Ao analisar as notícias selecionadas tomaremos como direcionador as seguintes questões sobre a produção discursiva: as reportagens tratam a doença como estando em “via de eliminação”, conforme o Ministério da Saúde aborda (AGUIAR, 2016)? Há evidência nos textos que apontem para o negligenciamento em relação à doença e às pessoas – a dupla transitividade do verbo negligenciar (ARAÚJO, MOREIRA & AGUIAR, 2013)? Há referências aos sintomas e aspectos de historicidade da doença? Alguma espécie de serviço é ofertada? Há referências à pobreza? Os determinantes sociais da saúde são mencionados? Há enunciados sobre casualidades biomédicas? Os pacientes têm alguma forma de representação ou são ouvidos?

Estes são os questionamentos principais a serem adotados como base para a análise das notícias publicadas e dos textos produzidos e distribuídos pela assessoria de imprensa institucional. Portanto, uma análise focada nos sentidos produzidos e circulados pela imprensa, ainda que composta também por uma metodologia quantitativa.

4. Análise Exploratória

4.1. O Press Release

Na manhã do dia 26 de agosto de 2016, o Sejour/IOC da Fiocruz convocou uma entrevista coletiva para anunciar avanços no desenvolvimento da vacina contra a esquistossomose. Na ocasião, os jornalistas foram informados sobre o início dos estudos clínicos da Fase II da vacina, realizada em modelo de parceria público-privada (PPP) com a empresa Orygen Biotecnologia S.A. O press release produzido pela assessoria levantou informações relevantes do ponto de vista institucional, que apontavam alguns dos elementos a serem ressaltados pela Fiocruz junto aos jornalistas.

Com vistas a parametrizar a análise, a partir da leitura do press release identificamos algumas características chave no texto produzido pela assessoria e destacamos doze delas para que pudessem guiar a análise das notícias veiculadas na imprensa:

- Iniciativa como um dos projetos priorizados pela OMS;
- Pobreza como fator determinante e cíclico da esquistossomose;
- Presença dos Determinantes Sociais da Saúde;
- Aspectos biomédicos da doença;
- Distribuição geográfica das regiões endêmicas no Brasil;
- Referência ao Sistema Único de Saúde (SUS);
- Fala autorizada (de ao menos um especialista);
- Referência ao contexto da esquistossomose enquanto doença negligenciada;
- A referência à cooperação Sul-Sul (uma tecnologia produzida no Brasil e testada no Senegal);
- Ineditismo da iniciativa (primeira vacina parasitária nesta fase de estudo clínico);
- Parceria Público Privada e financiamento;
- Próximos passos.

Na sequência, selecionamos algumas notícias sobre o tema que circularam na grande mídia, produzidas a partir dessa atividade, para realizarmos a comparação entre os textos publicados e o press release produzido, com vistas a identificar aspectos de convergência e de afastamento.

4.2. Mídia Impressa (Jornais)

De acordo com o relatório realizado pelo Sejour/IOC, no fim de semana posterior à entrevista coletiva e distribuição do press kit (27 e 28/8/2016), 14 jornais impressos pautaram o tema em suas edições de modo a promover a circulação do assunto e seu consequente agendamento junto à sociedade. Dentre eles, optamos por avaliar as notícias de seis, variando essa escolha com critérios geográficos e epidemiológicos, contemplando as cinco regiões do país e alternando veículos de localidades mais e menos endêmicas para a esquistossomose, analisando suas produções discursivas em relação ao press release.

Nas análises, nos pautamos pelo objetivo principal da pesquisa, que é avaliar o papel das assessorias de imprensa de instituições de CT&I/S na produção e circulação de sentidos no campo da Comunicação e Saúde no que se refere às doenças negligenciadas e, em relação aos objetivos específicos, procuramos identificar esses pontos de aproximação e afastamento entre os textos; observar silêncios ou visibilidades sobre aspectos relacionados ao negligenciamento da esquistossomose; verificar referências em relação às dimensões biomédicas e sociais da doença e, por fim, as referências – ou ausência delas – a pacientes.

4.2.1. Jornal do Commercio (Pernambuco)

Pernambuco é o estado brasileiro com maior incidência de esquistossomose, chegando a um total de 140 mortes notificadas em 2014 em razão da doença negligenciada. Não por acaso, teve cobertura de dois veículos (Jornal do Commercio e Folha de Pernambuco), com chamada de capa no primeiro. A notícia trouxe alguns dos aspectos que foram observados no press release.

Com a manchete “Para barrar a esquistossomose” (27/08/2016), o veículo destinou três quartos da página 11 do caderno de Cidades para falar sobre o tema. O fato de utilizar uma página ímpar, considerada nobre no jornal impresso, indicada a importância dada ao tema. O critério de noticiabilidade da proximidade é notado nessa circunstância.

Em relação ao texto publicado, essa identificação dos leitores com a pauta marca a narrativa que mesmo seguindo uma linha de estrutura crítica e reflexiva não se baseia estritamente no material da assessoria, pois é construído em cima de uma realidade local, com números, fatos e fontes do próprio estado. Na matéria foram ouvidas uma gerente do programa do controle de esquistossomose em Pernambuco e uma pesquisadora da Fiocruz sediada em Recife, trazendo o elemento da “fala autorizada”, presente também no release. Embora o campo

da C&S preze pela democratização do acesso à fala, entende-se que o jornalista da redação, no exercício da sua função, deva dar espaço e voz a diferentes atores, inclusive àqueles que convivem com a doença, o que não ocorre de forma direta na matéria analisada.

O jornal faz referência aos fatores sociais que desencadeiam a doença e crítica a centralização na medicalização.

“Em Pernambuco está o maior número de casos, óbitos, internações hospitalares e formas graves da esquistossomose em comparação com o restante do Brasil. Isso ocorre porque as medidas de controle são centradas em ações medicamentosas: o doente é medicado, mas as condições ambientais permanecem insalubres, o que leva as pessoas a adoecerem novamente”, lamenta a bióloga Constança Simões Barbosa, do Serviço de Referência em Esquistossomose da Fiocruz Pernambuco. A pesquisadora acrescenta que, para quebrar a transmissão da doença, seria preciso investir em saneamento básico” (JORNAL DO COMMERCIO, 27/08/2016, p. 11).

Embora a notícia veiculada não tenha se baseado integralmente no press release, a linguagem da matéria ficou alinhado à fala institucional no que se refere à correlação da doença a determinantes sociais. Outra característica percebida e mencionada anteriormente, no entanto, é que os pacientes não aparecem na reportagem, mas são mencionados de forma indireta, em um box que traz uma evolução histórica de pessoas infectadas nos últimos três anos.

No mais, a matéria aborda aspectos biomédicos referentes à contaminação e sintomas além de curiosidades. Em linhas gerais, das doze características identificadas no press release e listadas anteriormente, pudemos notar sete presentes na matéria do Jornal do Commercio, o que equivale a um alinhamento de 58% em relação ao release produzido pela assessoria para este veículo.

4.2.2. O Estado de São Paulo (São Paulo)

Também na edição do dia posterior à coletiva e distribuição do press release, sábado, 27/8/2016, o Estado de São Paulo, um dos jornais mais tradicionais do país, destinou espaço à esquistossomose em função do anúncio da nova fase de desenvolvimento da vacina. A página 19 do caderno principal dedicou um sexto de sua diagramação ao tema e, embora tenha desenvolvido uma abordagem mais objetiva, reproduziu praticamente todos os aspectos destacados no texto produzido pela assessoria: 11 de 12 características presentes no press release foram identificadas na notícia.

São Paulo não é considerado um estado endêmico para a esquistossomose, segundo o Plano Integrado de Ações Estratégicas de Eliminação das negligenciadas (MS) possuindo, no entanto, focos locais da doença. O veículo de comunicação reconheceu, entretanto, a importância da vacina e registrou o fato ainda que não possuindo tanto o apelo de noticiabilidade da proximidade geográfica, entendendo ser um tema de interesse geral.

A maior diferença que se percebe, comparando diretamente a abordagem do Estado de São Paulo com a de um veículo de Pernambuco, como o Jornal do Commercio, onde há os maiores índices de contaminação e óbitos pela doença, é que o primeiro se ateu ao material fornecido pela assessoria de imprensa, trazendo praticamente todos os elementos do press release e sem elencar nenhuma informação adicional relevante, a não ser alguns aprofundamentos de informações gerais que o próprio texto de base para a imprensa já informara.

Na edição do jornal paulistano, a esquistossomose dividiu espaço com uma notícia sobre ações preventivas de contaminação pelo Zika vírus, realizadas por autoridades americanas. Dentre as doze características do press release destacadas para a pesquisa, a relação de alinhamento em relação à notícia publicada no Estadão foi de 92%, sendo a citação direta ao SUS o único elemento ausente na publicação. Assim como na primeira notícia, do Jornal do Commercio, o Estado de São Paulo também não faz referência a pacientes.

4.2.3. Diário do Amazonas (Amazonas)/Agência Estado

O terceiro jornal cuja notícia da repercussão da vacina foi analisada é o Diário do Amazonas, sediado na região Norte do país e cujo estado não é endêmico para a esquistossomose. Talvez por essa característica, a exemplo do que ocorreu com O Estado de São Paulo, a notícia veiculada é muito fiel ao press release e na análise quantitativa também possui um alinhamento de 92% dos elementos analisados nos dois textos, com a presença de onze dos doze apontamentos e ausência do mesmo elemento do veículo paulista, a referência direta ao SUS. Outro destaque é em relação à data da veiculação. O jornal demorou um dia a mais para repercutir a coletiva da sexta-feira (26/8/2016) e pautou o tema apenas em sua edição do dia 28, domingo.

A matéria foi publicada em uma seção geral, chamada Radar de Notícia, com crédito da Agência Estado e para ilustrar a matéria, que ocupa dois terços da página 38, utiliza uma foto de acervo da Fiocruz, disponibilizada pela assessoria de imprensa. O fato de não ser uma notícia

produzida pelo próprio veículo – e sim obtida a partir de uma agência de notícias – denota um pouco o distanciamento com o tema.

O título “Fiocruz começará a testar primeira vacina contra esquistossomose do mundo”, aponta o direcionamento do veículo em relação à pauta sobre a esquistossomose que enfatiza mais o pioneirismo na vacina parasitária e fornece uma série de detalhes técnicos e políticos sobre sua produção. Esses aspectos ganham mais destaque do que os fatores sociais, cuja menção só ocorre no último parágrafo da matéria e, portanto, foram pontuados na análise qualitativa.

Apesar de se aproximar da estrutura do release e contemplar quase todos os seus destaques, a notícia do jornal menciona, mas não destaca na mesma intensidade as questões socioeconômicas que influenciam no ciclo da doença negligenciada, os determinantes sociais da saúde. Embora citados, eles não aparecem com o mesmo peso dos aspectos técnicos da vacina e biomédicos da doença, predominantes na abordagem.

4.2.4. A Folha de Londrina (Paraná) /Agência Brasil

A Folha de Londrina, veículo do Paraná, foi escolhida pelo amplo espaço que deu para a notícia, destinando um quarto de página no seu caderno geral, ainda que em uma página de numeração par (6). O veículo representa a região Sul do país no estudo, uma vez que o Paraná também é endêmico para a doença, embora, de acordo com dados do Portal da Saúde, o estado tenha zerado as notificações de casos desde 2012. A notícia seguiu a linha do press release, mantendo várias das informações fornecidas na publicação, a exemplo dos outros jornais analisados – com exceção do pernambucano Jornal do Commercio, que produziu conteúdo próprio e adicionou informações locais.

Entretanto, alguns dos diferenciais identificados na notícia do jornal de Londrina, veiculado na edição de sábado (27/8/2016), são o enfoque da temporalidade, ressaltando que a vacina estaria disponível em um prazo de três anos e, principalmente, na menção ao SUS, que aparece de forma direta pela primeira vez dentre as notícias analisadas. E já na manchete. No mais, apesar do primeiro parágrafo privilegiar o período entre o anúncio e a disponibilização da vacina, o desenrolar da notícia tem semelhanças com as analisadas anteriormente, trazendo muitas informações ressaltadas no press release.

As aspas, a exemplo de dois jornais analisados anteriormente, O Estado de São Paulo e Diário do Amazonas, também trazem a fala do presidente Paulo Gadelha, a maior autoridade

institucional da Fiocruz, mas também abre espaço para Mirian Tandler, a pesquisadora responsável pelo estudo. A parceria público-privada, com atuação da empresa Orygen Biotecnologia S.A. é uma das únicas características dentre as destacadas na análise que não consta na notícia veiculada. O jornal não faz qualquer menção à parceria e destina a iniciativa exclusivamente à Fiocruz, embora os materiais de assessoria de imprensa destaquem a ação conjunta.

A matéria é assinada pela Agência Brasil. Logo, foi redigida por agência de notícias, assim como a notícia publicada pelo Diário do Amazonas, que não foi redigida pelo próprio veículo. Também enfatiza aspectos técnicos e biomédicos da esquistossomose mais do que as questões sociais relacionadas à doença, como a pobreza, condições inadequadas de saneamento e o negligenciamento, que aparecem basicamente na fala do presidente da instituição. A notícia relacionada à esquistossomose divide espaço com outras duas ligadas à violência e segurança pública, igualmente de agências, e juntamente com um anúncio publicitário, todos na mesma página.

Levando em conta os aspectos abordados na pesquisa, a questão do pioneirismo na produção de uma vacina parasitária se junta à parceria com a iniciativa privada como os dois marcadores que não aparecem na notícia do jornal paranaense. Com dez das doze características observadas e, portanto, possuindo um alinhamento de 83% com o press release, a Folha de Londrina também obtém uma margem alta de semelhança com o texto da assessoria.

4.2.5. Correio Braziliense (Distrito Federal)

Principal jornal da capital do país, o Correio Braziliense dedicou apenas uma nota de um parágrafo e oito linhas para abordar o tema. No Distrito Federal, há mais de dez anos não há notificações de casos da doença. Em toda a região Centro-oeste os últimos registros são de Goiás e datam de 2006.

Apesar do aparente controle da doença, o tema é relevante e ganhou mais destaque em outros estados igualmente livres da moléstia. A seção do jornal chamada “Tubo de ensaio” relatou de maneira sintética e objetiva os fatos científicos da semana em âmbito nacional. Foi nessa seção, que ocupou um terço da página, que a nota dividiu espaço com outras quatro notícias breves. O texto foi publicado na editoria de Ciência, página 17, no dia 27/8/2016. A notícia principal, que preencheu os outros dois terços da página, foi sobre a apresentação de um

estudo americano para purificar o ar dos ambientes fechados por meio do uso de plantas ornamentais.

Tamanha objetividade no espaço dado à esquistossomose no jornal implica a ausência de uma série de aspectos relacionados ao tema, especialmente em relação aos determinantes sociais da saúde, sobre os quais ocorre silêncio na publicação. A informação é sintetizada: fala-se da vacina, mas não se apontam aspectos sobre a doença e suas causas. Nem mesmo os aspectos biomédicos, o que parece ser uma premissa básica do modelo hegemônico de se noticiar doenças na imprensa brasileira, aparecem.

A única menção à pobreza está na fala autorizada, que na nota é atribuída ao ministro da Saúde, Ricardo Barros, porém no press release é creditada à pesquisadora que coordena os estudos da vacina, Mirian Tandler. Isso indica que para a produção da notícia foi adotada a versão do press release produzida pelo Ministério da Saúde, na qual a fala da pesquisadora publicada no press release do Sejour/IOC foi atribuída ao Ministro da Saúde.

A nota contempla apenas quatro dos doze aspectos analisados, correspondendo, portanto, a um alinhamento de 33% com o release original da instituição.

4.2.6. Folha de Pernambuco

A Folha de Pernambuco foi o segundo jornal impresso do estado que registra o maior número de incidência e óbitos pela esquistossomose a noticiar os avanços na vacina em sua edição de sábado (27/8/2016). A abordagem do tema foi completamente diferente daquelas observadas nos veículos de áreas não endêmicas ou sem notificação recente da doença. Com o título: “Schistosoma: saneamento é a saída”, a notícia ocupa toda a página 4 do caderno de Cotidiano, juntamente com notícias locais, demarcando ainda mais o reconhecimento do problema como uma realidade local.

Embora tenha se baseado também em informações oficiais, fornecidas pela assessoria de imprensa da Fiocruz, a Folha de Pernambuco, assim como o Jornal do Commercio, aprofundou sua abordagem e acrescentou conteúdos específicos. A matéria é iniciada já com a menção de que o anúncio da nova fase da vacina pelo Instituto Oswaldo Cruz ocorrera no centenário do sanitarista pernambucano Frederico Simões Barbosa, pioneiro no país em descobertas sobre a dinâmica da esquistossomose. Este aspecto não foi incorporado pelos demais jornais que repercutiram a pauta.

A matéria é incisiva na cobrança por melhores condições e infraestrutura ao demarcar o papel fundamental dos determinantes sociais da saúde e chega a mencionar o aspecto de perpetuação circular entre esquistossomose e pobreza. A publicação chega a relativizar a importância da vacina, em prol da adequação de saneamento básico e infraestrutura, como a implantação de redes de tratamento de água e esgoto e fornecimento de água potável em todo o país. “Mais importante que a vacina é investir em saneamento básico, já que a doença ganha força em locais sem acesso a água potável e esgotamento sanitário”. (FOLHA DE PERNAMBUCO, 27/08/2016, P. 4).

A notícia se diferencia das demais e fornece uma importante contribuição às doenças negligenciadas ao ouvir personagens infectados pelo parasita e que já desenvolveram a doença, relatando suas experiências. Das seis notícias até aqui analisadas na amostragem, a da Folha de Pernambuco é a única que traz esse elemento e reconhece a importância dessa voz na matéria, dando espaço para uma senhora de 60 anos apresentar seu relato sobre a doença. No mais, a matéria segue a estrutura dos demais jornais analisados e a página possui ainda infográficos, estatísticas e informações sobre a doença de forma mais simples, objetiva e didática.

Em relação à análise e comparação com o press release, a notícia aborda nove dos 12 pontos destacados, sendo enfatizado o aspecto dos determinantes sociais da saúde. Além disso, incorpora características exclusivas, específicas de quem convive com a realidade da doença.

4.2.7. Outros impressos da Região Sudeste: A Tribuna (ES), O Tempo (MG) e Extra (RJ)

Utilizamos o recurso de amostragem na pesquisa quantitativa e por conta dessa escolha metodológica, foram selecionados para a tabulação veículos de todas as regiões do país, com prioridade para o estado de Pernambuco, por ser endêmico para a esquistossomose e ter dois veículos que deram destaque ao tema, que é preocupação local. Contudo, a notícia foi veiculada em outros jornais que não entraram na análise quantitativa, mas destacamos alguns em relação à adesão à pauta por também serem estados de destaque na incidência da doença, em especial na região Sudeste. Os jornais A Tribuna (Espírito Santo) e O Tempo (Minas Gerais) publicaram notas sem grandes destaques e diferenciais em relação aos demais veículos analisados e de alguma forma chamaram a atenção no levantamento feito durante a pesquisa pelo pouco espaço e superficialidade como que abordaram a pauta no sábado posterior ao anúncio. O estranhamento se dá principalmente pelo fato dos dois estados possuírem regiões endêmicas para a esquistossomose no Sudeste brasileiro, registrando ocorrências da doença há mais de 15 anos.

Na edição de 27/8/2016, o veículo capixaba traz uma pequena notícia com três parágrafos curtos e uma pequena foto do frasco da vacina no canto inferior direito da página 34, no caderno de Ciência e Tecnologia. Em poucas palavras, o texto explica a que se destina a vacina, quem participa dessa produção e sua próxima fase. Ainda mais sucinto é o jornal mineiro. Em sua edição, também, de 27/8/2016, O Tempo dedicou uma nota de seis linhas no topo da página 18, que dividiu espaço com notícias relacionadas à saúde e violência. A estrutura do texto é similar à do jornal do Espírito Santo, porém ainda mais superficial e direta:

“A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) vai iniciar estudos clínicos da fase 2 da vacina brasileira para a esquistossomose, chamada Sm14. É a primeira vez que uma vacina parasitária feita com tecnologia brasileira chega a essa fase. A vacina será testada em 350 adulto voluntários no Senegal. (O TEMPO, 27/08/2016, p. 18)

Ao priorizar elemento estritamente técnicos da pesquisa sobre a vacina, os dois veículos silenciam os fatores sociais que estão relacionados à doença e a perpetuam em situações de pobreza. A doença em si também não entra na pauta e não há presença sequer de aspectos biomédicos nos jornais, nem tampouco seu negligenciamento é mencionado. O tratamento reduzido do tema contrasta com as taxas de ocorrência locais: apenas Minas Gerais registrou mais de 4 mil casos de esquistossomose somente em 2015.

O Rio de Janeiro, estado que sedia o *Campus* principal da Fiocruz, não é endêmico para a doença, embora registre casos, e a notícia foi pautada, em meio impresso, apenas pelo jornal Extra, do grupo O Globo. Por meio de uma nota na coluna Bem-Viver, o periódico fluminense veiculado em 27/8 não aborda o negligenciamento nem os fatores sociais da doença. Focando sua abordagem nos aspectos técnicos sobre o desenvolvimento da vacina e enfatizando as regiões endêmicas, bem como questões políticas que a envolvem, como financiamento e a priorização por parte da OMS. Assemelha-se, portanto, às coberturas dos vizinhos do Espírito Santo e Minas Gerais.

4.2.8. Síntese da análise exploratória

Ao analisar notícias veiculadas pelo Brasil afora sobre a nova fase da vacina para esquistossomose, a partir de ações da assessoria de imprensa – em especial do press release produzido pela equipe de Jornalismo do IOC/Fiocruz – podemos distinguir as várias formas de abordagem da doença negligenciada, na mídia, sob diferentes contextos. O tema circulou na

imprensa a partir de uma motivação específica. A esquistossomose foi citada e entrou na agenda dos veículos de comunicação de massa a partir de uma ação institucional da Fiocruz.

O quadro a seguir sintetiza de forma comparativa os aspectos quantitativos do que foi observado durante a análise por amostragem em seis jornais impressos que cobriram a pauta:

QUADRO 1 – Presença de aspectos elencados na análise na comparação entre press release e notícias publicadas na imprensa

Aspectos elencados a partir do press release	J1	J2	J3	J4	J5	J6
1- Iniciativa como um dos projetos priorizados pela OMS	0	1	1	1	0	0
2- Pobreza como fator determinante e cíclico da esquistossomose	1	1	1	1	1	1
3 - Presença dos Determinantes Sociais da Saúde	1	1	1	1	0	1
4 - Aspectos biomédicos da doença	1	1	1	1	0	1
5- Distribuição geográfica das regiões endêmicas no Brasil	0	1	1	1	0	1
6 - Referência direta ao Sistema Único de Saúde (SUS)	0	0	0	1	0	0
7 - Fala autorizada (de ao menos um especialista)	1	1	1	1	1	1
8 - Referência ao contexto da esquistossomose enquanto doença negligenciada	1	1	1	1	0	1
9 - Referência à cooperação Sul-Sul (parceria com países da África, testes no Senegal)	1	1	1	1	0	1
10 - Ineditismo da iniciativa (primeira vacina parasitária nesta fase de estudo clínico)	0	1	1	0	1	1
11 - Parceria Público Privada e financiamento	0	1	1	0	0	0
12 - Próximos passos	1	1	1	1	1	1
TOTAL DE ELEMENTOS PRESENTES NA NOTÍCIA	7	11	11	10	4	9
(%)	58%	92%	92%	83%	33%	75%
LEGENDA:						
0 = NÃO						
1 = SIM						
LISTA DE VEÍCULOS:						
J1 = JORNAL DO COMMERCIO (PE)						
J2 = O ESTADO DE SÃO PAULO (SP)						
J3 = DIARIO DO AMAZONAS (AM)						
J4 = FOLHA DE LONDRINA (PR)						
J5 = CORREIO BRAZILIENSE (DF)						
J6 = FOLHA DE PERNAMBUCO (PE)						

Nos jornais de Pernambuco, por exemplo, que convivem com a doença como realidade local, o destaque foi grande ao tema. Ouviram especialistas da região, trouxeram números, buscaram ir além do material fornecido pela assessoria de imprensa justamente porque tinham condições e até mesmo necessidade de fazê-lo. A Folha de Pernambuco foi o único dentre os veículos analisados que trouxe o paciente e o deu voz como personagem da matéria. De forma indireta, com números de pessoas contaminadas e tratadas no estado nos últimos anos, o Jornal do Commercio também se referiu aos indivíduos, quebrando um pouco a fala hegemônica, única e autorizada das vozes do saber científico valorizadas nas notícias dos demais estados analisados.

Essa sensação de pertencimento é importante em regiões endêmicas. Ouvir o que um especialista – seja o médico ou um pesquisador – tem a dizer é relevante, o seu conhecimento técnico deve ser considerado, mas o saber de quem vive com a doença, que sofre as condições de falta de estrutura também faz muito sentido, em um modelo comunicacional em que todos os atores do processo possam contribuir. Trata-se de uma estratégia para gerar empatia com o leitor que vive nas mesmas situações e acrescenta elementos novos às narrativas.

A chamada fala autorizada, bem como aspectos biomédicos, foram quase unanimidade em todos os jornais e vão ao encontro do modelo de valorização de causalidades biomédicas das doenças presente na sociedade contemporânea. Entretanto, há de se destacar que a notícia não foi inserida na editoria de Saúde em nenhum dos jornais analisados, um dado curioso e que também pode ser refletido à luz do campo da Comunicação e Saúde. Ainda que a esquistossomose seja uma doença – e negligenciada – os aspectos e determinações sociais que a ocasionam ganharam mais destaque, pois quando as notícias não ocuparam as seções de Ciência e Tecnologia ou geral dos jornais, elas foram veiculadas nas editorias de Cidade.

No que diz respeito aos aspectos reforçados pelo release e assimilados pelas redações, chama atenção a relação entre esquistossomose e pobreza, presente nos seis veículos das cinco regiões do país utilizados na amostragem, com exceção do O Tempo (MG), A Tribuna (ES) e Extra (RJ), que não foram tabulados. Apenas essa característica, a citação de falas autorizadas e informações sobre os próximos passos marcaram presença nos seis jornais selecionados, indicando alta predominância dos mesmos. Todavia, o negligenciamento da doença, a discussão de determinantes sociais da saúde e mesmo a parceria Sul-Sul, com países da África, apareceram em cinco das seis amostragens quantitativas, tendo também um espaço importante na mídia.

A referência ao SUS mostrou ser uma barreira. Apesar da ênfase dada pelo material da assessoria, apenas um dos veículos mencionou diretamente este aspecto, a Folha de Londrina,

cuja notícia foi elaborada a partir de material de agência de notícias, outro ator extremamente importante na distribuição das notícias. É possível que a invisibilidade do SUS atenda a interesses de mercado e mesmo políticos, o que requereria estudos específicos relacionados ao processo de produção do noticiário para se afirmar de forma assertiva.

Nenhuma das notícias tratou a doença como estando “em vias de eliminação”, como sugere o plano estratégico do Ministério da Saúde. Fato é que a esquistossomose foi tratada como um problema de saúde pública pelos jornais, as condições estruturais para a perpetuação da doença foram abordadas e para além de veículos que simplesmente se ativeram a informações sucintas sobre os estudos relacionados à vacina – que houve – existiram, em maior número dentro do conjunto analisado, aqueles que abraçaram a pauta e seguiram as pistas do press release, ampliando as discussões e por consequência gerando novos espaços para debates sobre doenças e populações negligenciadas.

Tendo em vista o objetivo principal dessa pesquisa exploratória, que é analisar o papel das assessorias de imprensa de instituições de CT&I/S na produção e circulação de sentidos no campo da Comunicação e Saúde no que se refere às doenças negligenciadas, vemos que, no caso analisado, houve influência importante da assessoria de imprensa em promover a circulação de sentidos relacionados a fatores socioeconômicos e de ambiente que influenciam na ocorrência de doenças. No caso das negligenciadas, além dos agentes transmissores uma condição a ser enfrentada é a superação da pobreza e de falta de infraestrutura sanitária. A assessoria de imprensa conseguiu traduzir esses sentidos nas notícias sobre a vacina. As reflexões foram ampliadas, discutiu-se a causa, na perspectiva de promoção da saúde de prevenção de riscos, e não apenas o tratamento pela vacina, que era a estrela da notícia.

Já sobre os objetivos secundários a que esta pesquisa exploratória se propôs, percebemos que houve aproximação entre os conteúdos produzidos pela instituição e veiculados pela mídia; deu-se luz e falou-se abertamente sobre o negligenciamento que cerca a pauta da esquistossomose; o aspecto biomédico naturalmente apareceu, contudo, por influência do material de apoio e pela própria característica institucional da Fiocruz, na maioria dos casos foi mencionado em equilíbrio com os determinantes sociais da saúde; a referência a pacientes ainda é um tabu, com pouca incidência na pesquisa, porém é animador notar que houve essa inclusão justamente no local onde há mais indivíduos contaminados, no estado de Pernambuco.

5. Considerações finais

A análise exploratória realizada permite apontar que as assessorias de imprensa podem contribuir no processo de agendamento e também no direcionamento do tratamento de determinadas pautas na imprensa. No caso que estudamos, as seis notícias analisadas sobre a vacina de uma doença negligenciada obtiveram relação com o release e cinco delas tiveram um alinhamento superior a 50% em relação ao press release tendo em vista o conjunto de aspectos elencados para a análise. Apenas um dos textos, no formato de nota, teve 33% de aproximação. Simultaneamente, outras duas matérias obtiveram 92% de alinhamento, o que equivale à presença de 11 das 12 características destacadas no press release. A média geral, levando em conta os seis veículos analisados, foi de 72% de sintonia entre o release enviado para imprensa e o conteúdo veiculado, agindo no processo de produção e circulação de sentidos.

Cabe lembrar que as doenças negligenciadas recebem tal denominação devido, entre outros fatores, à baixa visibilidade com que são tratadas por parte das autoridades e de vários setores da sociedade, incluindo a imprensa. Isso ocorre em parte porque essas doenças atingem populações pobres, sendo essa condição social, de forma simultânea, causa e consequência de agravos como a esquistossomose, tema dessa pesquisa. Sabe-se, ainda, que esta doença parasitária tem como principal condição para se desenvolver a falta de saneamento básico, como rede de tratamento de esgotos. Regiões periféricas do Brasil ainda são afetadas pela doença e o estado de Pernambuco é atualmente o recordista de casos de contaminações e de óbitos pela doença.

Tendo em vista o importante papel social que a imprensa exerce, entendemos ser fundamental que essa pauta seja visibilizada e que as doenças negligenciadas sejam publicizadas pelos meios de comunicação de massa, como parte das ações estratégicas que visem sua eliminação. As autoridades têm interesse em ocultar as ocorrências, uma vez que é de responsabilidade da administração pública sanar as deficiências sanitárias que favoreçam a manutenção do ciclo dessas doenças. Daí infere-se mais um fato que demonstra a relevância da atuação da mídia como agente de fiscalização e cobrança por melhorias e bem-estar da população e das assessorias de órgãos que atuam sobre elas, como estimuladores dessa cobertura midiática.

Entendemos, ao trilhar esse caminho no campo da Comunicação e Saúde, que para fomentar a adesão da imprensa ao tema, no entanto, algumas estratégias podem ser adotadas.

Dentre elas, a atuação proativa das assessorias, que interagem diretamente com as redações e fazem ponte com fontes das mais variadas pautas. Instituições públicas de Ciência e Tecnologia, por exemplo, dispõem desse serviço de relacionamento com a imprensa e podem acioná-lo para fazer circular na sociedade os frutos de suas pesquisas ou temas de seus interesses, utilizando para isso os meios de comunicação de massa. A Fiocruz, como instituição de CT&I/S estuda e promove resultados para as doenças negligenciadas e pode pauta-las na imprensa.

Nesse contexto desenvolvemos a presente pesquisa e analisamos a repercussão midiática do anúncio da segunda fase de testes da vacina contra a esquistossomose sob influência da assessoria de imprensa da instituição, representada no estudo pelo Serviço de Jornalismo do IOC, que pautou a imprensa e mediou as ações de divulgação. Um dos produtos da assessoria, na ocasião, foi o press release, texto que tomamos como base para analisar o grau de influência que as instâncias podem exercer na cobertura de temas invisibilizados e mensuramos o nível de alinhamento entre o release da assessoria e seis matérias veiculadas em diferentes jornais impressos de grande circulação nas cinco regiões do Brasil.

A pauta repercutiu em veículos de todo o país, resultando em cerca de 50 matérias em veículos de Internet, jornais impressos, reportagens de TV e emissoras de rádio, segundo relatório do Sejour/IOC. Essa visibilidade nobre para um tema como a esquistossomose é algo bem raro e certamente foi motivada pelo trabalho da assessoria, que muito mais do que simplesmente noticiar o fato, evidenciou aspectos sociais que envolvem a doença. Como instituição de saúde pública, a Fiocruz tem um papel fundamental na promoção e regulação de políticas públicas no campo da saúde, fomentando discussões como a dos DSSs. E foi exatamente esse viés adotado pelas assessorias que refletiu em praticamente todas as notícias associadas ao tema. Nas seis matérias analisadas na amostragem o fator pobreza foi destacado como condição determinante para a esquistossomose. Praticamente todos foram além da informação objetiva da vacina em si e abordaram as discussões para reflexão, o que sem a interferência dos ‘mediadores dos mediadores’, os assessores, possivelmente teria ocorrido em escala bem menor.

Usualmente, os veículos tomaram o release como base, em especial aqueles de regiões que não são endêmicas para a esquistossomose. Os cálculos do grau de influência, baseados em uma metodologia própria, constam no quadro 1 e foram informados acima. Ratificamos que a pesquisa indica que de fato o suporte da assessoria influenciou na forma como a notícia circulou na sociedade, ressaltando o papel que a atividade pode exercer no agendamento desses temas

e, ainda, como importante ator na relação do campo da Comunicação e Saúde com a grande imprensa.

O negligenciamento da esquistossomose, reforçado no release, apareceu em cinco das seis notícias analisadas, outro indicador da relevância social da atuação da assessoria. Sem estas condições de produção, exclusivamente sob critério dos valores-notícia, uma notícia dessa natureza provavelmente teria enfoque praticamente único no aspecto técnico-legal, com informações científicas sobre a vacina e destaque nas especificações biomédicas da doença, por força do modelo hegemônico que predomina no campo da saúde. Todos os veículos ressaltaram a importância do saneamento para o fim do ciclo da esquistossomose, ainda que alguns tenham valorizado a iniciativa de produção da primeira vacina parasitária do mundo para tratar as populações contaminadas. Todavia, a erradicação da doença só ocorre com saneamento básico e essa mensagem circulou na sociedade.

Notamos que na maioria das abordagens apenas as falas autorizadas tiveram vez. No geral, a voz dos indivíduos acometidos pela doença também é negligenciada, originando a chamada dupla transitividade do verbo ‘negligenciar’ (ocultamento da doença e das populações afetadas). Apenas um jornal de Pernambuco deu visibilidade a essas pessoas, trazendo a fala de uma paciente, com nome e sobrenome em sua matéria. Possivelmente seja esse o próximo aspecto sobre o qual as assessorias possam atentar ao investirem na persuasão da grande mídia: a visibilidade dos afetados. Entendemos que o SUS, mencionado explicitamente em apenas uma das matérias analisadas, tem em seus princípios a valorização de democracia e do acesso. Acrescentamos que o campo em que se realiza essa pesquisa atua diretamente para potencializar essas características, ampliar acesso, esclarecer e orientar o usuário e cidadão e se colocar ao lado dele, não como porta voz, mas como microfone, que não fala por ele e, sim, reverbera sua voz.

Destacamos, por fim, que para a democratização ao acesso de fato ocorrer as assessorias de imprensa de órgãos públicos de CT&I/S devem ser importantes aliados ao pautarem e direcionarem a mídia conforme interesses coletivos e sociais. Vide, como exemplo, a contribuição que o Sejour/IOC/Fiocruz forneceu à visibilidade e ampliação das discussões sobre a negligenciada esquistossomose, no inverno de 2016. Por fim, o estudo demonstra que é viável veicular temas e abordagens de relevância social na grande imprensa, utilizando mecanismos e dispositivos do próprio campo da comunicação. As instituições só precisam atentar para esse potencial e investir politicamente em tal prática. Daí a importância do entendimento da área de

comunicação como estruturante e estratégica e não meramente instrumental, como é vista e tratada em muitas das vezes.

Nosso desejo ao concluir essa pesquisa exploratória é que a legitimação, via imprensa, de demandas públicas invisibilizadas, seja cada vez menos exceção e mais regra nas agendas sociais, a fim de que suas reivindicações sejam reconhecidas. Por uma sociedade mais justa e com mais oportunidades de acesso à saúde em seu conceito mais amplo, para o exercício da cidadania. Que seja esse o real poder da comunicação em suas mais diversas ramificações e interlocuções na interface com o campo da Comunicação e Saúde, para a produção de novos sentidos sociais.

Ao finalizar essa etapa, sugerimos que as assessorias de imprensa desempenhem um importante papel articulador neste campo, podendo, inclusive, funcionar como “lançadores de alerta” das doenças negligenciadas na mídia, conforme conceito trabalhado pela pesquisadora francesa Romeyer (2013). O desdobramento e as reflexões acerca dessa hipótese podem originar um aprofundamento metodológico em uma dissertação de mestrado, futuramente. Sendo essa, portanto, a possível linha de extensão e aprofundamento desta monografia.

Referências bibliográficas

ADORNO, TW; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 99-138, 1985;

AGUIAR, R. **Fazer o bem sem olhar a quem? Visibilidades e invisibilidades discursivas sobre a doação de medicamentos para doenças negligenciadas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2016. 612 f. Tese (Comunicação e Informação em Saúde) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação em Saúde, Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Rio de Janeiro, 2016;

ARAÚJO, IS. e CARDOSO, JM. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007;

ARAÚJO, IS.; MOREIRA, AdL; AGUIAR, R. **Doenças negligenciadas, comunicação negligenciada. Apontamentos para uma pauta política e de pesquisa**. Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 4 – suplemento fev. 2013;

ARAÚJO, IS. **Mercado Simbólico: um modelo de comunicação para políticas públicas**. Interface. Comunic., Saúde, Educ., v.8, n.14, p.165-177, set.2003-fev.2004;

A TRIBUNA. **Fiocruz testa vacina contra esquistossomose**. Ciência e Tecnologia. Vitória, ES, 27/08/2016, p. 34;

BALASEGARAM, M. et al. **Neglected diseases in the news: a content analysis of recent international media coverage focussing on leishmaniasis and trypanosomiasis**. PLoS Negl Trop Dis, v. 2, n. 5, p. e234, 2008;

BARBERO, JM. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997;

BOURDIEU, P. **A Economia das Trocas Linguísticas**. São Paulo, Edusp, 1996;

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2011;

BUSS, PM; PELLEGRINI FILHO, A. **A Saúde e Seus Determinantes Sociais**. Physis, 2007, Vol.17;

CAVACA, AG. **Doenças midiaticamente negligenciadas: cobertura e invisibilidade de temas sobre saúde na mídia impressa**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. 177 f. Tese, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2015;

CAVACA, AG, VASCONCELLOS-SILVA, PR. **Doenças midiaticamente negligenciadas: uma aproximação teórica**. Interface. Comunicação, Saúde e Educação, Botucatu; 19(52):83-94. 2015;

- CAVACA AG, EMERICH TB, VASCONCELLOS-SILVA PR, SANTOS NETO ET, OLIVEIRA AE (2016). **Diseases Neglected by the Media in Espírito Santo**, Brazil in 2011-2012. PLoS Negl Trop Dis 10(4): e0004662. Doi: 10.1371/journal.pntd.0004662;
- CLÉBICAR, T e LERNER, K. **Assessores de Imprensa na Saúde: os mediadores dos mediadores**. Intercom, XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: São Paulo. 5 a 9/9/2016;
- CORREIO BRAZILIENSE. **Vacina contra esquistossomose**. Ciência. Tubo de ensaio. Brasília, DF, 27/08/2016, p. 17
- COTTA, P. **Jornalismo: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005;
- CZRESNIA, D; MACIEL E OVIEDO, R. **Os sentidos da saúde e da doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013;
- DIÁRIO DO AMAZONAS. **Fiocruz começará a testar a primeira vacina contra esquistossomose do mundo**. Radar de Notícias. Manaus, AM, 28/08/2017, p.38;
- DUARTE, J. (org.). **Assessoria de Imprensa e Relacionamento com a mídia. Teoria e Técnica**. São Paulo: Editora Atlas, 2002;
- EPSTEIN, I. **Comunicação de massa para a saúde: esboço de uma agenda midiática**. Revista latino-americana de Ciências de La Comunicación, 2008; 5 (8-9): 132-142;
- EXTRA. **Vacina de esquistossomose inicia fase final de testes**. Bem-Viver. Rio de Janeiro, RJ, 27/08/2016, p. 18;
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. UnB, 2001;
- FOLHA DE LONDRINA. **Vacina contra esquistossomose no SUS em 3 anos**. Folha Geral. Londrina, PR, 27/08/2016, p. 6;
- FOLHA DE PERNAMBUCO. **Schistosoma: saneamento é a saída**. Cotidiano. Recife, PE, 27/08/2016, p. 4;
- FREIRE, P. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1977;
- FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, **Manual de Assessoria de Imprensa da Fundação Oswaldo Cruz**. CCS, Fiocruz. Rio de Janeiro, 2009;
- _____. **Carta de Serviços**. 3ª edição, Presidência, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2014;
- HOTEZ, PJ. The Giant Anteater in the Room: Brazil's Neglected Tropical Diseases Problem. **PLoS Negl Trop Dis.**, 2008, v.2, n.1, e177;
- JORNAL DO COMMERCIO. **Para barrar a esquistossomose**. Cidades. Recife, PE, 27/08/2016, p. 11;

KUNSCH, MMK. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. São Paulo: Summus, 2003;

LAGE, N. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2011;

MINISTÉRIO DA SAÚDE, **Plano integrado de ações estratégicas de eliminação da hanseníase, filariose, esquistossomose e oncocercose como problema de saúde pública, tracoma como causa de cegueira e controle das geohelmintíases: plano de ação 2011-2015**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012;

_____. **Portal da Saúde**. Website do MS, disponível em:

<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/svs/esquistossomose>, acessado em nov/2016;

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Fiocruz anuncia primeira vacina contra esquistossomose**. Metrôpole. São Paulo, SP, 27/08/2016, p. A19;

OMS. *Working to overcome the global impact of neglected diseases: First WHO report on neglected tropical diseases*. Genebra, 2010;

ORLANDI, EP. Análise de discurso: princípios e procedimentos. In **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 2009;

O TEMPO. **Vacina contra esquistossomose**. Brasil. Belo Horizonte, MG, 27/08/2016, p. 18;

PINTO, MJ. Comunicação e discurso. **São Paulo: Hacker Editores**, 1999;

PRATTA, EMM e SANTOS, MAD. **O Processo Saúde-Doença e a Dependência Química: Interfaces e Evolução**. São Paulo, Psicologia: Teoria e Pesquisa. Vol. 25 n. 2, pp. 203-211, Abr-Jun 2009;

RADIS, n. 124. **Atenção aos Esquecidos**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, p. 8-17. Fevereiro de 2013;

ROMEYER H, MOKTEFI A. **Pour une approche interdisciplinaire de la prévention**. Revue Communication et Langages 2013; 176: 33-47;

SHAW, D. **Agenda-Setting and Mass Communication Theory**, Gazette (International Journal for Mass Communication Studies), vol. XXV, n. 2, p. 96-105. 1979;

SODRÉ, M. **Eticidade, campo comunicacional e midiatização**. In: MORAES, Denis. (Org.). Sociedade midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad X, p. 19-31. 2006;

SOUSA JP. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2a ed. Porto: Universidade Fernando Pessoa; 2006. *Apud* CAVACA, AG. **Doenças midiaticamente negligenciadas: cobertura e invisibilidade de temas sobre saúde na mídia impressa**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2015. 177 f. Tese, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Rio de Janeiro, 2015, p. 22;

SOUZA, FPC.; VITORINO, RRV.; COSTA, AdP.; FARIA JÚNIOR, FC; SANTANA, LA.; GOMES, AP. **Esquistossomose mansônica: aspectos gerais, imunologia, patogênese e história natural**. Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica. São Paulo, 9(4):300-7, jul-ago, 2011;

SOUZA, W. (org). **Doenças negligenciadas**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2010;

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editora Presença, 1999.

ANEXOS

ANEXO 1 - PRESS RELEASE (Sejor/IOC/Fiocruz)

*SOB EMBARGO ATÉ O INÍCIO DA COLETIVA:
26 de agosto de 2016, às 10h30 (horário do Rio de Janeiro)*

Vacina inédita para esquistossomose: Fiocruz anuncia nova fase de estudos clínicos

Iniciativa é um dos projetos priorizados pela Organização Mundial da Saúde com foco em garantir o acesso da população dos países pobres a tecnologias de última geração

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) dará início aos estudos clínicos de Fase II da vacina brasileira para esquistossomose, chamada de Vacina Sm14, em etapa realizada em parceria com a empresa Orygen Biotecnologia S.A. A vacina é um dos projetos de pesquisa e desenvolvimento em saúde priorizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), visando garantir o acesso da população dos países pobres a ferramentas de medicina coletiva com tecnologia de última geração.

Uma das doenças parasitárias mais devastadoras socioeconomicamente, atrás apenas da malária, a esquistossomose infecta mais de 200 milhões de pessoas, de acordo com a OMS, essencialmente em países pobres. Relacionada à precariedade de saneamento, a doença tem áreas endêmicas em mais de 70 países, onde 800 milhões de pessoas vivem sob risco de infecção, sobretudo na África. No Brasil, 19 estados apresentam casos, especialmente os da região Nordeste, em Minas Gerais e no Espírito Santo.

Vacina inédita

Desenvolvida e patenteada pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), a vacina foi produzida a partir de um antígeno – substância que estimula a produção de anticorpos, evitando que o parasita causador da doença se instale no organismo ou que lhe cause danos. Foi utilizada a proteína Sm14, sintetizada a partir do *Schistosoma mansoni*, verme causador da esquistossomose na América Latina e na África. “Esta é a primeira vez no mundo que uma vacina parasitária produzida com tecnologia brasileira de última geração chega à Fase II de estudos clínicos. Estamos trabalhando para contribuir para o enfrentamento de um problema de saúde pública que afeta populações pobres de diversas localidades do mundo”, destaca Miriam Tendler, pesquisadora do Laboratório de Esquistossomose Experimental do IOC, que lidera os estudos.

Baseada em uma tecnologia inovadora, a vacina Sm14 possui patentes depositadas no Brasil, Europa, Estados Unidos, Austrália, Japão, Nova Zelândia, África do Sul, Canadá, Cuba, Egito e Índia, além das organizações africanas de propriedade intelectual ARIPO e OAPI. De acordo com o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, a vacina para esquistossomose desenvolvida pela Fundação representa mais um decisivo passo no objetivo de fortalecer, no Brasil, uma base tecnológica capaz de assegurar o atendimento das demandas do sistema público de saúde. “A vacina traduz uma conjunção de valores significativos, pois reúne competência científica e capacidade de transformação, levando a um processo de inovação voltado para a resolução de uma doença negligenciada, com impacto mundial extremamente significativo. Este imunizante, o primeiro para a doença em todo o mundo, é fruto de uma iniciativa enraizada na Fiocruz, com liderança da pesquisadora Miriam Tendler, além da criação de parcerias exemplares da relação público/privado”, pontua.

A etapa final de desenvolvimento da Vacina Sm14 é alvo de uma parceria público-privada (PPP) entre a Fiocruz e a empresa Orygen Biotecnologia S.A., agora parceira no desenvolvimento e produção da vacina humana. “Essa pesquisa poderá trazer um enorme impacto social e científico para o Brasil, que é a grande missão da Orygen desde sua criação. A Sm14 é uma daquelas iniciativas que mostram a capacidade de inovação do país e nós estamos orgulhosos em participar ativamente”, afirma Andrew Simpson, diretor científico da Orygen Biotecnologia S.A.

Prioridade para a Organização Mundial da Saúde

É crescente a preocupação da OMS com o contraste entre os países ricos e pobres na área de insumos tecnológicos para a saúde. Em 2010, a Assembleia Mundial da Saúde anunciou a criação de um grupo de trabalho com consultores experts em financiamento e coordenação de pesquisa e desenvolvimento científico, que em inglês tem a sigla CEWG. Em maio de 2013, o CEWG divulgou um plano estratégico de ação com vistas a proporcionar aos países pobres o acesso a plataformas para a solução de questões crônicas em saúde pública específicas desses países. Poucos meses depois, o grupo tornou pública uma lista preliminar com 22 projetos candidatos, para, enfim, em dezembro de 2013, anunciar os 7+1 projetos de inovação selecionados para serem apoiados política e estrategicamente pelo fundo cooperado gerenciado pela OMS – entre os quais, a Vacina Sm14, que assim tem assegurado o seu desenvolvimento final.

Uma particularidade relacionada à Vacina Sm14 é o fato de desequilibrar e mudar o paradigma de transferência de tecnologia que tradicionalmente segue uma lógica vertical onde o Hemisfério Norte ‘fornece’ conhecimento para o Hemisfério Sul. O Sm14 inaugura uma premissa horizontal, onde o Hemisfério Sul desenvolve uma tecnologia para o próprio Hemisfério Sul, começando com a colaboração Brasil-África nos Testes Clínicos de Fase II da vacina contra esquistossomose.

Estudos clínicos de Fase II

Os estudos clínicos da Fase II A serão realizados em adultos moradores da região endêmica no Senegal, na África, local atingido simultaneamente por duas espécies do parasito *Schistosoma*, causador da doença. Essa característica, que não existe em nenhuma região brasileira, é muito importante para que se possa verificar a segurança da Vacina Sm14 com escopo ampliado em relação a estes dois agentes. A área escolhida é hiperendêmica, ou seja, possui alta taxa de prevalência da doença e afeta a população de forma continuada. Nessa etapa, a segurança do produto será avaliada, bem como a sua capacidade de induzir imunidade nas pessoas vacinadas.

Está prevista a participação de 350 voluntários, entre adultos, inicialmente, e em crianças, ao longo de três etapas de Fase II. Os estudos foram aprovados por comitê de ética no Senegal.

Enquanto os estudos de Fase I foram realizados em área não endêmica, com voluntários saudáveis, nos estudos de Fase II os voluntários serão moradores de áreas endêmicas, que já tiveram contato com a doença, o que reflete a situação real onde a vacina será utilizada efetivamente. A Vacina Sm14 será administrada em três doses, com intervalos de um mês entre cada uma.

A Fase II A de estudos clínicos será realizada em parceria com a organização não-governamental senegalesa *Espoir pour La Santé*, sendo coordenada em campo pelo pesquisador Gilles Riveau, do Instituto Pasteur de Lille, na França, e diretor geral do *Centre de Recherche Biomedicale Espoir pour La Santé*. “Esta fase será conduzida por uma entidade respeitada internacionalmente, em uma estrutura de laboratório de última geração, composta por profissionais altamente qualificados”, ressalta Miriam. Estão previstas auditorias independentes de instituições locais, seguindo as regras internacionais de pesquisa com seres humanos e que incluirão o acompanhamento por um conselho assessor composto por especialistas de vários países. Os testes acontecerão entre agosto e dezembro de 2016, período que corresponde à mais alta endemicidade da doença em território africano. Tanto o protocolo de pesquisa quanto a documentação regulatória foram submetidos às autoridades senegalesas. A conclusão e os resultados dos estudos estão previstos para 2017.

“Temos orgulho da importante contribuição que a Vacina Sm14 representa, não apenas por seu caráter científico inovador, mas por inovar também no fluxo criativo, em que um país endêmico é capaz de gerar uma tecnologia que responde a um desafio, ao mesmo tempo, local e global. Isso é, de fato, fazer ciência para a sociedade”, avalia o diretor do IOC, Wilson Savino.

Expectativas

Na etapa de estudos clínicos de Fase I, conduzido junto ao Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas (INI/Fiocruz), que teve os resultados publicados em janeiro de 2016 na revista científica internacional ‘Vaccine’, os pesquisadores já haviam comprovado um dos mecanismos específicos da resposta imune provocada pela Vacina Sm14: a ativação de anticorpos e da citocina Interferon-gama, que é produzida pelo organismo em resposta ao agente infeccioso. A partir desta etapa, os especialistas irão mapear os mecanismos que atuam para que a pessoa adquira proteção contra a doença.

Os casos de esquistossomose acontecem em ambientes onde não há infraestrutura adequada de saneamento básico: fezes de pessoas infectadas com o verme Schistosoma, quando despejadas inapropriadamente em rios e outros cursos de água doce, podem infectar caramujos do gênero Biomphalaria. Por sua vez, os caramujos liberam larvas do verme na água, podendo infectar outras pessoas por meio do contato com a pele, reiniciando o ciclo da doença. “A vacinação tem o potencial de interromper o ciclo de transmissão. A vacina Sm14 foi desenvolvida para induzir uma imunidade duradoura”, completa a pesquisadora Miriam Tandler.

Financiamento e parcerias

A pesquisa é financiada pelo IOC, Fiocruz, OMS e Orygen Biotecnologia S.A., por meio de recursos próprios e também através de recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). A etapa de desenho da molécula contou com a parceria do pesquisador Richard Garret, do Instituto de Física de São Carlos (IFSC).

CONTATOS

Instituto Oswaldo Cruz:

Raquel Aguiar, Cristiane Albuquerque e Vinícius Ferreira

(21) 2562-1500 / (21) 2561-4830 /

(21) 99186-7582 / jornalismo@ioc.fiocruz.br

Orygen Biotecnologia S.A.:

Guilherme Gaspar e Vanessa Lage

(11) 3065-3041 / (13) 99782-0055 / vanessa@gaspar.com.br

ANEXO 2 - JORNAL DO COMMERCIO (JORNAL 1)

Recife, 27 de agosto de 2016 **sábado**



Jornal do Commercio 11

Cidades

SAÚDE Fiocruz anuncia nova fase de testes da vacina contra a devastadora doença parasitária, que atinge milhares de pessoas em Pernambuco

Para barrar a esquistossomose

CINTHYA LEITE
clete@jcc.com.br

A nova fase dos testes da vacina contra esquistossomose desenvolvida pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) será realizada deste mês até dezembro em adultos da região endêmica no Senegal (África). Essa etapa de estudos para o imunizante é vista como um avanço para o enfrentamento de um problema negligenciado que acomete 230 milhões de pessoas por ano no mundo. Conhecida como a segunda doença parasitária mais devastadora, atrás apenas da malária, a esquistossomose foi associada à morte de 133 pessoas, no ano passado, em Pernambuco – Estado brasileiro com maior número de óbitos. “Acreditamos que o registro é subnotificado. Para evitar mortes e novos casos, realizamos ações em parceria com os municípios através do Programa de Entendimento às Doenças Negligenciadas (Sanar)”, diz a gerente do programa de controle da esquistossomose de Pernambuco, Bárbara Silva.

No Estado, apenas no ano passado, foram realizados 241.398 exames de investigação da doença nas áreas sob risco. Desse total, 7.258 foram positivos para a doença, o que equivale a 3% dos casos investigados. Dos casos confirmados, 4.384 passaram por tratamento – isso corresponde a uma cobertura de tratamento de 60,4%. É o menor percentual dos últimos cinco anos. Em 2010, a cobertura de tratamento chegou a 79,4%. Em 2014, a taxa foi de 81,6%. “Há municípios que não fazem busca ativa adequada dos pacientes. Não adianta fazer diagnóstico e não tratar. Outro detalhe é que o sistema não registra as pessoas que receberam a medicação de forma coletiva (quando são tratados todos os indivíduos de uma área de risco, independentemente de fazer ou não exame). Pode acontecer de casos tratados não terem sido registrados”, esclarece Bárbara.

Até 2018, Pernambuco tem como meta diminuir a taxa de positividade da esquistossomose a menos de 1% nas localidades dos 26 municípios eleitos como prioritários. A média de todo o Estado é de 3%. Mas existem áreas em que esse percentual preocupa. Em Vitória

de Santo Antônio, Zona da Mata Sul, há região onde 25% dos casos investigados são positivos para a doença. Em Vicência, Zona da Mata Norte, há localidade com positividade de 20%. “Em algumas áreas, conseguimos baixar esse índice. O município de São Benedito do Sul (Zona da Mata Sul) tinha 36% de positividade em um local, onde foram feitos tratamentos coletivos em três anos. A taxa hoje é de 7%.”

Em 2015, 7.258 pessoas receberam diagnóstico positivo para a doença em Pernambuco

Embora tenha tratamento, a doença preocupa os especialistas. “Em Pernambuco, está o maior número de casos, óbitos, internações hospitalares e formas graves da esquistossomose, em comparação com o restante do Brasil. Isso ocorre porque as medidas de controle são centradas em ações medicamentosas: o doente é medicado, mas as condições ambientais permanecem insalubres, o que leva as pessoas a adoecerem novamente”, lamenta a bióloga Constança Simões Barbosa, do Serviço de Referência em Esquistossomose da Fiocruz Pernambuco. A pesquisadora acrescenta que, para quebrar a transmissão da doença, seria preciso investir em saneamento básico.

Na nova fase de estudos, a vacina será administrada em três doses, com intervalos de um mês entre cada uma. A conclusão dessa etapa está prevista para 2017. O imunizante utilizado a proteína Sm14, sintetizada a partir do *Schistosoma mansoni*, verme causador da esquistossomose na América Latina e na África. Será produzida a partir de um antígeno – substância que estimula a produção de anticorpos, evitando que o parasita causador da doença se instale no organismo ou que lhe cause danos.



LABORATÓRIO Instituto Oswaldo Cruz, ligado à Fiocruz, realiza testes deste mês até dezembro em adultos do Senegal, na África



OBSTÁCULO Constança: áreas insalubres dificultam tratamento

#FotoJC360º

Conheça o laboratório da Fiocruz na fanpage do JC no Facebook

Casos em Pernambuco

2013	2014	2015
120.171 exames realizados	257.248 exames realizados	241.398 exames realizados
6.509 casos positivos	8.748 casos positivos	7.258 casos positivos
5.197 deles tratados	7.141 deles tratados	4.348 deles tratados

Transmissão
Locais de água doce com pouca correnteza ou água parada e presença de caramujos infectados são ambientes propícios para a transmissão da esquistossomose. O contágio é feito quando a larva penetra na pele do indivíduo que, após infectado, libera ovos do parasita em suas fezes – que podem ser depositadas em ambientes de água doce

Sintomas
Na fase aguda, a mais comum, podem aparecer coceiras e dermatites, fraqueza, febre, dor de cabeça, diarreia, enjoos e vômitos. Na crônica, geralmente assintomática, o quadro é mais grave, com aumento por fibrose do fígado e aumento do baço. Pode se manifestar também com hemorragias provocadas por rompimento de veias do esôfago e barriga d'água (dilatatação do abdome).

Saiba mais
800 milhões de pessoas vivem em áreas endêmicas, em mais de 70 países
21 doença parasitária mais devastadora socioeconomicamente, atrás apenas da malária
18 Estados brasileiros registram casos. Maior incidência é no Nordeste e em Minas Gerais
133 mortes registradas em Pernambuco, em 2015, por causa da doença. É o Estado com maior número de óbitos

Foto: Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e Secretaria Estadual de Pernambuco

Tábua de Marés

HOJE	06h06	0,6m	18h41	0,7m
	12h15	1,9m		

AMANHÃ	00h39	2,0m	13h19	2,0m
	07h11	0,5m	19h36	0,6m

Comunicados Fúnebres

Notas de falecimento / Missas
ENTRE EM CONTATO CONOSCO

POR TELEFONE:
De segunda a sexta: 8h às 18h30
Sábado, domingo e feriados: 6h30 às 12h30

POR E-MAIL:
anunciadofunebre@jcc.com.br

PESSOALMENTE:
• Loja do Jornal do Commercio
Av. Dantas Barreto, nº 160 - Loja 5 - Santo Antônio / Recife
De segunda a sexta: 9h às 19h
• Quiosque Plaza - Loja RioMar

Fone: (81) 3413.6100

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAETES

AVISO DE LICITAÇÃO

Processo Nº 039/2016. CPL. Tomada de Preços Nº 004/ 2016. Obras: Recuperação e Requalificação de Vias Urbanas em Concreto Betuminoso Usinado a quente (CBBU), conforme Termo de Adesão Nº 017 do Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento Municipal - FEM Valor: R\$ 1.312.180,92. Data e Local da Sessão de Abertura: 14/09/2016 às 09:00h. Prefeitura de Caetés. Av. Luiz Pereira Júnior, Nº 54, Centro, Caetés-PE (CEP: 55.360-000). Edital, anexos e outras informações podem ser obtidos no mesmo endereço da Sessão de Abertura, ou através do Fone/Fax: 08387-3783; 116071120, no horário de 8:00h às 13:00h, de segunda a sexta-feira, ou, ainda, através da solicitação por e-mail: glicete@caetes.gov.br

Caetés, 26 de agosto de 2016
Georgene Cleber Dias de Queiroz
Presidente da CPL

Prefeitura do Jaboatão dos Guararapes
Secretaria Municipal de Infraestrutura e Mobilidade
Secretaria Executiva de Pavimentação
Comissão de Licitação de Infraestrutura - CINPRA

AVISO DE LICITAÇÃO (NOVA DATA)

PROCESSO LICITATÓRIO Nº 015/2016 - CINPRA - PREGÃO PRESENCIAL Nº 002/2016 - SERVIÇOS DE MANUTENÇÃO, CUSTÓDIA, CONSERVAÇÃO E REPARAÇÃO DE EQUIPAMENTOS PARA EXECUÇÃO DE SERVIÇOS DE RECONSTRUÇÃO DO MURO DE CONTENÇÃO NA RUA ROSA, SENDERIA DOS PRAZEIROS EM JARDIM JORDÃO VILAR MAURO, Acelim: R\$ 254.451,83 (duzentos e cinquenta e quatro mil quatrocentos e cinquenta e um reais e oitenta e três centavos). Data de Abertura: 14/09/2016 às 09:00h. A licitação será realizada no Auditório da Secretaria Municipal de Assuntos Jurídicos, situada na Av. Alameda Das Fátimas, 271, Prédio: Jaboatão dos Guararapes, - PE, onde se disponibilizará toda a documentação e informações adicionais no endereço citado, das 08:00h às 13:00h, em todo e-mail: licitacao@semp.jaboatão.pe.gov.br

Fone/Fax: (81) 3378.8122/3378.9181
Jaboatão dos Guararapes, 26 de agosto 2016
Cátia Cintra
Presidente

Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes
Secretaria Executiva de Comunicação Social e Democratização Digital

AVISO DE ADIAMENTO DE SESSÃO INAUGURAL

PROCESSO ADMINISTRATIVO Nº 001/2016 - DIARIZAMENTO PÚBLICO Nº 001/2016 - Objeto: SELEÇÃO DE ENTIDADE PRIVADA SEM FINS LUCRATIVOS, COM VISTAS À CRIAÇÃO DE TERMO DE PARCERIA/COOPERAÇÃO COM A SECRETARIA EXECUTIVA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL E DEMOCRATIZAÇÃO DIGITAL, PARA REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE INTERESSE PÚBLICO RELACIONADAS AO PROJETO "LABORATÓRIO EM MOVIMENTO". O Presidente comunica aos interessados que a sessão inaugural anteriormente marcada para o dia 23/08/2016, foi suspensa para o dia 13/09/2016 às 09:00h. A Sessão será realizada no Auditório da Secretaria de Assuntos Jurídicos e Administrativos, Av. Alameda Das Fátimas, 271, Prédio: Jaboatão dos Guararapes - PE, onde os interessados poderão obter o Edital. Todas as informações adicionais no endereço acima, pelo telefone (81) 3378.9187, em todo e-mail: licitacao@semp.jaboatão.pe.gov.br

Jaboatão dos Guararapes, 24 de agosto de 2016
George Sander Pinheiro
Presidente

Secretaria de Turismo, Esportes e Lazer
Programa de Desenvolvimento de Turismo - PRODETUR NACIONAL - PE

AVISO DE LICITAÇÃO

Comissão de Licitação de Empreitada Nº 240/AR (BRL 1312)

PROCESSO LICITATÓRIO Nº 016/2016 - LICITAÇÃO PÚBLICA NACIONAL - LPN Nº 005.2916.

OBJETO: fornecimento de um sistema de informações de ativos incluídos nos rotetos turísticos cobertos pelo sistema interativo do fôto e vídeo, envolvendo a produção de conteúdo, implantação, customização, configuração, migração de dados, visualização, especificação, manutenção, suporte técnico e hospedagem de uma aplicação informática e fornecimento de material gráfico, no âmbito do Programa PRODETUR Nacional Pernambuco. Conforme especificações técnicas no respectivo Termo de Referência e Anexo de Edital. Recebimento das propostas até o dia 28/09/2016, às 10:00h (horário de Brasília). O Edital, na íntegra, poderá ser retirado no site www.turismopernambuco.gov.br ("Licitação") "Preselecão", ou na CEL - PRODETUR, mediante a troca por um CD novo no endereço: Av. Professor Andrade Bezerra, S/N, Salgadinho - Centro de Condições de Trabalho - Cidade de Olinda - CEP: 55.110-110. Fone: (81) 3182-7925. Cotação, 26 agosto de 2016. Patrícia Freire - PRESIDENTE DA CEL.

ANEXO 3 – O ESTADO DE SÃO PAULO (JORNAL 2)

O ESTADO DE S. PAULO

SÁBADO, 27 DE AGOSTO DE 2018 | **Metrópole** | A19

FERNANDO REINACH

fernando@reinach.com



Como são datadas nossas memórias

Passa vergonha no dia em que soube do assassinato de John Lennon. Ainda iniciando meu doutoramento, dividia o apartamento com Benjamin, um judeu ortodoxo. Era de manhã. Estava no banho quando Benjamin descobriu que na noite anterior eu havia fritado bacon na sua frigideira. Sem graça, abalado pela bronca, caminhei até o laboratório. Lá descobri que enquanto eu fritava bacon Lennon havia sido assassinado. Depois disso, essas duas memórias estão intimamente associadas no meu cérebro. A novidade é que agora os cientistas descobriram a razão.

Faz alguns anos, sabemos que a formação de uma memória ocorre quando um conjunto de neurônios aumenta sua atividade, reforçando a relação entre eles. Se essa atividade

for bloqueada, a memória não se forma. Assim, cada memória está associada a um conjunto de neurônios responsável por sua manutenção. O conjunto de neurônios associado a uma memória é chamado de engrama. Cada vez que nos lembramos de uma memória é porque seu engrama está ativo. Quando você ensina um camundongo a ter medo de um som, submetendo o bichinho a um choque elétrico cada vez que ouve o som, é possível demonstrar que um grupo específico de neurônios (engramas dessa memória) é ativado. E as relações entre esses neurônios permanecem fortes enquanto a memória persistir. Se você apagar essa memória, tocando o som sem aplicar o choque, a relação entre esses neurônios fica fraca e o engrama desaparece.

Nesse novo experimento os cientistas estudaram a relação entre os en-

grams de duas memórias formadas sequencialmente. Primeiro, o camundongo ouvia um som (somA) e tomava um choque. Depois ouvia outro som (somB) e também tomava choque. Desse modo, eles ficavam com medo dos dois tipos de som (coitados). Os camundongos estavam divididos em quatro grupos, e a diferença entre os grupos era o tempo que separava o somA/choque do somB/choque durante o treino. Em um grupo o tempo que separava o primeiro do segundo estímulo era 1,5 horas; em outro, 6 horas e nos outros dois grupos, 18 e 24 horas. A primeira coisa que os cientistas descobriram é que nos camundongos treinados com intervalos curtos entre os sons A e B (1,5 e 6 horas), quando os cientistas "apagavam" o medo do primeiro som (sem dar o choque), o medo do segundo som também desapare-

cia. Em outras palavras, se me fizerem esquecer do bacon frito, vou esquecer da morte de Lennon. Mas nos camundongos em que as duas memórias haviam se formado com um intervalo de tempo longo (18 ou 24 horas), quando uma memória era apagada a outra permanecia intacta. Ou seja, se eu tivesse levado a bronca do bacon frito na semana anterior ao assassinato de Lennon, a memória da bronca não estaria associada à morte de Lennon. Esse resultado demonstra que o tempo entre a formação das memórias determina se existe ligação entre elas.

Em seguida, os cientistas estudaram os neurônios ativados por cada uma das duas memórias nos diversos grupos de camundongos (seus engrams). Para isso, eles precisavam provocar o medo (som mais choque) e em seguida sacrificar o camundongo e identificar os neurônios que haviam sido ativados. O conjunto de neurônios ativados em cada caso é o engrama daquela memória. Os cientistas descobriram que nos casos em que as memórias haviam se formado com um espaçamento temporal longo (18 e 24 horas) os engrams das duas memórias (medo do som A e medo do som B) eram completamente independentes. Ou seja, os dois engrams não compartilhavam neurônios. Mas no caso dos camundongos em que as memórias haviam sido formadas uma logo após a outra (1,5 e 6 horas) havia uma sobreposição de células entre os dois engrams. Apesar de os

engrams serem diferentes, existia um grupo de células que pertencia aos dois engrams.

Essa sobreposição dos engrams explica por que duas memórias ficam associadas em nosso cérebro quando são formadas uma logo depois da outra. Também explica por que a remoção de uma memória leva à perda da outra formada logo em seguida. Como seus engrams têm neurônios em comum, a perda de uma enfraquece a outra.

Esse experimento sugere como o tempo entre memórias é registrado no cérebro. Os engrams de uma memória se sobrepõem ao engrama da memória anterior e ao engrama da posterior, causando uma cadeia sequencial de engrams que registra o passar do tempo na memória.

Com o envelhecimento, e a perda gradual de neurônios, é de se esperar que a ligação temporal entre as memórias fique mais frágil e é isso que observamos em nossos cérebros ao longo dos anos. Vai chegar um dia em que comer bacon não me fará lembrar da morte de John Lennon. Ai meu colesteol vai subir.

* MAIS INFORMAÇÕES: COMPETITION BETWEEN ENGRAMS IN THE HYPOTHALAMUS: MEMORY FORMATION AND RECALL. SCIENCE VOL. 353 PAG. 383 2018
É BIÓLOGO

EUA vão testar todo o estoque de sangue contra zika

Anúncio é feito em meio ao aumento do número de casos, que chegam a 2.517; risco para grávidas e bebês levou à recomendação

A agência reguladora de alimentos e medicamentos dos Estados Unidos, Food and Drug Administration (FDA), recomendou ontem que todos os estoques de sangue doado devem ser submetidos a testes para identificar o vírus da zika. O anúncio foi feito em meio a um aumento do número de casos da doença nos Estados Unidos.

"Existem muitas incertezas a respeito da natureza e da extensão da transmissão", afirmou Peter Marks, diretor do Centro para Avaliação Biológica. "Neste momento, a recomendação para que se teste todo o sangue ajudará na garantia da segurança do estoque disponível para todos os indivíduos que preci-

sam de transfusão." A FDA já havia emitido um comunicado, no dia 16 de fevereiro, que recomendava testes para a detecção do vírus em bolsas de sangue, mas apenas em áreas onde fosse registrada transmissão local do vírus. O novo comunicado anunciado ontem estende a recomendação a todos os Estados e territórios.

Os testes em todas as bolsas de sangue doadas já estão sendo feitos na Flórida e em Porto Rico. A agência informou, no comunicado, que a iniciativa está mostrando efeitos benéficos, ao identificar doações infectadas com zika. A expansão dos testes "continuará a reduzir o risco de transmissão do vírus por transfusão de sangue em todos os Estados Unidos".

No país, a transmissão local do vírus da zika por mosquitos foi registrada pela primeira vez no território de Porto Rico, em dezembro de 2015. Logo depois foram relatados casos em Samoa Americana e nas Ilhas Virgens. Em julho, foram confirmados os primeiros casos de transmissão local na Flórida, que já chegaram a 43, segundo o Departamento de Saúde local. In-

cluindo os casos relacionados a viagens, o país já soma 2.517 vítimas da zika, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC).



Vistoria em Miami. Flórida e Porto Rico já testavam o sangue, o que tem evitado infecções

cluindo os casos relacionados a viagens, o país já soma 2.517 vítimas da zika, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC).

Transmissão sexual. Funcionários federais de saúde ainda relataram ontem o primeiro caso de transmissão sexual do vírus da zika envolvendo uma pessoa que não havia apresentado

quitos transmissores, mas contraiu zika. O caso foi considerado "não usual" pelas autoridades, que já recomendam um período de "abstinência" de oito semanas, em caso de possível contato com o vírus, para casais que pretendem engravidar. Mas pode indicar a necessidade de mais cuidados com o zika. **FÁBIO DE CASTRO, COM AGÊNCIAS INTERNACIONAIS**

NA WEB
Video. Zika coloca Miami em alerta; assista estadao.com.br/ezikamiami

Fiocruz anuncia 1ª vacina contra a esquistossomose

Já testado em pessoas saudáveis no Rio, imunizante deve ser usado em larga escala no mundo em três anos

Roberta Pomarfort / B10

Depois de 40 anos de pesquisas, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) desenvolveu e começou a testar no mês que vem a primeira vacina contra esquistossomose do mundo. Será em uma ilha no Senegal, país onde a doença é endêmica. A expectativa é que o produto, já testado em pessoas saudáveis no Rio, esteja pronto para ser usado em larga escala daqui a três anos. A enfermidade, popularmente conhecida como berriga d'água, pode provocar a dilatação do abdome, infecta 200 milhões de pessoas no mundo, em áreas pobres, sem saneamento básico. A vacina põe o Brasil em posição de vanguarda na área de imunizações. Este será o primeiro imunizante já criado para uma doença parasitária, e é considerado prioritário pela Organização Mundial da Saúde (OMS). "Quando tratamos de doenças negligenciadas, o gran-

de desafio é que elas não interessam à indústria farmacêutica, que tem sede em países onde a população não é atingida. O interesse não é econômico, é social. A relevância é mundial", afirmou o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha. Outro dado de inéditismo é o fato de ser a primeira vez que uma vacina parasitária feita com tecnologia brasileira chega à segunda fase de testes clínicos, ou seja, envolve pessoas expostas ao parasita. Na primeira etapa, 30 voluntários sem contato prévio com a esquistossomose receberam a substância, no campus da Fiocruz, no Rio. A instituição está trabalhando em parceria com a empresa brasileira Origen Biotecnologia.

A ilha senegalesa de Saint Louis foi escolhida por ser uma área de alta prevalência da esquistossomose e porque lá existem dois tipos de parasitas. A vacina será ministrada por uma ONG do fim de setembro até

dezembro, primeiro em 350 adultos, e depois em crianças. Serão testadas eficácia e segurança. Uma vantagem de realizar os testes lá é reproduzir um cenário real: o Senegal será um dos países em que a vacina será usada depois de aprovada.

Há três anos, entre cem projetos candidatos, a OMS selecionou esta e outras cinco pesquisas julgadas prioritárias para melhorar as condições de saúde nos países mais pobres do mundo. A esquistossomose é endêmica em 74 nações, onde vivem 800 milhões de pessoas. No Brasil, está presente em 19 Estados, em especial na Região Nordeste, no Espírito Santo e em Minas.

A enfermidade provoca fraqueza, febre, diarreia e vômito; nos casos mais graves, o doente pode ter fibrose no fígado, aumento no baço e dilatação do abdome. A progressão do quadro pode levar a pessoa à morte.

Histórico. O marco inicial do trabalho, financiado pela Fiocruz e por entidades públicas de fomento a pesquisas, é o ano de 1975. Foi quando se descobriu a molécula da proteína Sm14 do *Schistosoma* (causador da esquistossomose), que agora dá nome à vacina. O efeito do imunizante é estimular a produção de anticorpos e interromper o ciclo de vida do parasita no organismo humano.

• Custo **R\$ 1 a dose**
deve ser o custo. Toda a produção foi barateada

OBRAS INICIADAS
AUMENTE SUAS POSSIBILIDADES E VIVA NO LUGAR MAIS VALORIZADO DE MOEMA.

VENHA SE ENCANTAR COM O APARTAMENTO DECORADO.

AMPLIFY MOEMA 1 DORM 48M² - 1 VAGA / 2 DORMS 78M² - 2 VAGAS

DESCUBRA A GRANIOSIDADE EM CADA DETALHE. NO PONTO MAIS DESIADO DE MOEMA.

Amplamente facilitado, direto com o incorporador.

www.amplifymoema.com.br

PLANTÃO DE VENDAS: AV. JANDIRA, 268 | 5051-3237

Publicado por **ZKP** e **ELITE**

ANEXO 4 – O DÁRIO DO AMAZONAS (JORNAL 3)

contato@d24am.com, redacao@diarioam.com.br siga-nos  twitter.com/portald24am  facebook.com/D24am**Restaurante oferece pizza grátis para quem entregar armas de fogo**

O dono de um restaurante da cidade de Indianápolis, nos Estados Unidos, teve uma ideia criativa para tentar diminuir a criminalidade. Ele pretende oferecer uma pizza extragrande de graça ao seus clientes em troca de cada arma que for entregue por eles. A iniciativa, que ainda precisa ser aprovada pela polícia local, partiu de Donald Dancy, proprietário da

D&C Pizza, que há cerca de 30 anos está localizada em uma das regiões mais perigosas da cidade. "Vejo crianças de 14 a 18 anos aqui. Muitas vezes, quando estão comprando uma pizza, deixam cair uma arma", declarou Dancy à emissora americana Fox 59. Nos últimos anos, diversos tiroteios têm acontecido nos EUA. Em 12 de junho, um atirador matou 49 pessoas em uma casa noturna em Orlando. Cerca de um mês depois, cinco policiais foram mortos em Dallas



por um veterano do Exército. E, uma semana depois, outro atirador matou três pessoas em Baton Rouge, Louisiana. Apesar de a proposta parecer estranha - uma arma custa muito mais que uma pizza -, Dancy afirmou que cada pessoa que aderir-lá já fará a diferença. "Se alguém devolver uma arma, então é uma arma a menos nas ruas. Posso ter salvo uma vida", analisou. Dancy explicou que não planeja ficar com as doações. Depois de recolhê-las, ele disse que pretende chamar a polícia para que sejam levadas.

Fiocruz começará a testar a primeira vacina contra esquistossomose do mundo

Pesquisa Produto foi desenvolvido durante 40 anos de estudos e será submetido a teste em uma ilha no Senegal, país onde a doença é endêmica. Brasil fica em posição de vanguarda na área de imunizações

Agência Estado
Redacao@diarioam.com.br

Rio de Janeiro

Depois de 40 anos de pesquisas, a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) desenvolveu e começará a testar no mês que vem a primeira vacina contra esquistossomose do mundo. Será em uma ilha no Senegal, país onde a doença é endêmica. A expectativa é que o produto, já testado em pessoas saudáveis no Rio, esteja pronto para ser usado em larga escala daqui a três anos. A enfermidade, popularmente conhecida como barriga d'água, por provocar a dilatação do abdome, infecta 200 milhões de pessoas no mundo, em áreas pobres, sem saneamento básico.

A vacina põe o Brasil em posição de vanguarda na área de imunizações. Este será o primeiro imunizante já criado para uma doença parasitária, e é considerado prioritário pela Organização Mundial da Saúde (OMS). "Quando tratamos de doenças negligenciadas, o grande desafio é que elas não interessam à indústria farmacêutica, que tem sede em países onde a população não é atingida. O interesse não é econômico, é social. A relevância é mundial", afirmou o presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, à reportagem.



Anticorpos Vacina contra esquistossomose já foi testada em larga escala em pessoas saudáveis no Brasil, segundo a Fiocruz

Outro dado de ineditismo é o fato de ser a primeira vez que uma vacina parasitária feita com tecnologia brasileira chega à segunda fase de testes clínicos, ou seja, envolve pessoas expostas ao parasita. Na primeira etapa, 30 voluntários sem contato prévio com a esquistossomose receberam a substância no campus da Fiocruz, no Rio. A instituição está trabalhando em parceria com a empresa brasileira Orygen Biotecnologia. A ilha senegalesa de Saint Louis foi escolhida por ser uma área de alta prevalência da esquistossomose e porque lá existem dois tipos de parasitas. A vacina será ministrada por uma ONG do fim de setembro até dezembro, primeiro em 350 adultos, e depois em crianças. Serão testadas eficácia e segurança. Uma vantagem de realizar os testes lá é reproduzir um cenário real: o Senegal será um dos países em que a vacina será usada depois de aprovada.

Há três anos, entre cem

"QUANDO TRATAMOS DE DOENÇAS NEGLIGENCIADAS, O GRANDE DESAFIO É QUE ELAS NÃO INTERESSAM À INDÚSTRIA, QUE TEM SEDE EM PAÍSES ONDE A POPULAÇÃO NÃO É ATINGIDA"

Paulo Gadelha, presidente da Fiocruz.

projetos candidatos, a OMS selecionou esta e outras cinco pesquisas julgadas prioritárias para melhorar as condições de saúde nos países mais pobres do mundo. A esquistossomose é endêmica em 74 nações, onde vivem 800 milhões de pessoas. No Brasil, está presente em 19 Estados, em especial na Região Nordeste, no Espírito Santo e em Minas.

Histórico
A enfermidade provoca fraqueza, febre, diarreia e vômitos; nos casos mais graves, o doente pode ter fibrose no fígado, aumento no baço e dilatação do abdome. A progressão do quadro pode levar a

peessoa à morte.

O marco inicial do trabalho, financiado pela Fiocruz e por entidades públicas de fomento a pesquisas, é o ano de 1975. Foi quando se descobriu a molécula da proteína Sm14 do Schistosoma (causador da esquistossomose), que agora dá nome à vacina. O efeito do imunizante é estimular a produção de anticorpos e interromper o ciclo de vida do parasita no organismo humano.

Segundo médicos, a esquistossomose é uma doença que leva a problemas de saúde crônica. A infecção é adquirida quando as pessoas entram em contato com água doce que está infectada com as formas larvais de parasitas da espécie Schistosoma. Os vermes adultos microscópicos vivem nas veias de drenagem do trato urinário e dos intestinos. A maioria de seus ovos fica presa nos tecidos e a reação do corpo a eles pode causar grandes danos à saúde.

Há duas formas principais de esquistossomose - intestinais e urogenitais - causadas por cinco espécies diferentes de Schistosoma.

Segundo a OMS, a infecção é prevalente em áreas tropicais e subtropicais, em comunidades carentes sem acesso à água potável e saneamento adequado. Vários milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de patologia grave em consequência da esquistossomose.

ANEXO 5 – FOLHA DE LONDRINA (JORNAL 4)

6 | FOLHA Geral

geral@folhadelondrina.com.br

FOLHA DE LONDRINA, sábado, 27 de agosto de 2016

Vacina contra esquistossomose no SUS em 3 anos

De acordo com a Fiocruz, doença é um dos maiores problemas globais que atingem populações negligenciadas

Flávia Villela
Agência Brasil

Rio - A primeira vacina contra a esquistossomose, que afeta mais de 200 milhões de pessoas em todo mundo, estará pronta em 2020. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), responsável pela pesquisa, anunciou nesta sexta-feira (26), em entrevista coletiva, que, após 30 anos de estudos, a produção em larga escala e distribuição da vacina da SM14 pelo Sistema Único de Saúde (SUS) e pela Organização Mundial da Saúde (OMS) começará em aproximadamente três anos.

O presidente da Fiocruz, Paulo Gadelha, ressaltou que, no longo prazo, as imunizações também terão efeitos econômicos benéficos para os países mais pobres do planeta, que hoje têm altos gastos com saúde e falta de mão de obra produtiva, já que a esquistossomose é uma doença que não tem cura.

"Junto com a malária, essa doença é um dos maiores problemas globais que atingem populações negligenciadas. Hoje cerca de 800 milhões de pessoas estão sob risco de ter esquistossomose, e a vacina é um atalho para reduzir essa

transmissão de maneira eficaz do ponto de vista do custo também", disse Gadelha. "Será uma vacina muito acessível. A expectativa é que chegue a US\$ 1 a dose, de forma que todos que os precisem da vacina tenham possibilidade de ser imunizados."

A pesquisa para o desenvolvimento da vacina foi escolhida como uma das cinco prioridades pela OMS. Relacionada à precariedade de saneamento, a esquistossomose é transmitida pela água contaminada com as larvas do verme. A doença tem áreas endêmicas em mais de 70 países. No Brasil, 19 Estados apresentam casos, com predominância da Região Nordeste, além de Minas Gerais e do Espírito Santo.

Na nova fase de estudos clínicos, a vacina será testada em moradores do Senegal, na África, uma área onde a doença é altamente endêmica. O Senegal foi escolhido também pelo fato de contar com as duas espécies do parasita que transmite a esquistossomose. De acordo com a pesquisadora Miriam Tendler, do Instituto Oswaldo Cruz, que participa dos estudos sobre a vacina, essa etapa é vital, pois vai avaliar a segurança do produto. "A

vacina" será testada em uma população que convive com o parasita - são indivíduos que já tiveram a doença e têm informação imunológica sobre o parasita, uma situação de estresse máximo, que é a situação que vai ocorrer no futuro. Então, esta talvez seja uma das etapas mais importantes da pesquisa", disse Miriam.

O parasita que transmite esquistossomose vive nas veias de drenagem do trato urinário e dos intestinos. A pessoa infectada pode desenvolver uma erupção cutânea ou coceira no local em que o parasita penetrou na pele. A maioria das pessoas, no entanto, não tem sintomas na fase inicial da infecção. De um a dois meses após a infecção, quando o parasita atinge o sangue e "viaja" por ele, a pessoa pode sentir febre, calafrios, tosse e dores musculares. O parasita então pode passar para o fígado, o intestino ou a bexiga.

O sinal clássico da esquistossomose urogenital é hematuria (sangue na urina). Fibrose da bexiga e do ureter e danos renais são, por vezes, o diagnóstico em casos avançados. O câncer de bexiga é outra complicação possível nas fases posteriores.

Estudante é vítima de ataque com seringa

Juliana Dógenes e
Alexandre Hisayasu
Agência Estado

São Paulo - Uma estudante de 18 anos foi vítima de um ataque com seringa na Estação Paraíso, da Linha 1 Azul do Metrô. O caso ocorreu às 6h30 da quinta-feira da semana passada, dia 18, na estação localizada na Rua Verquière, no área central da capital. A ocorrência é investigada pela Delegacia de Polícia do Metropolitan (Delpom).

A vítima conta que, ao desembarcar na Estação Paraíso, sentiu um pequeno incômodo na região da nádega quando subia as escadas rolantes. Ela continuou o percurso, sem prestar atenção ao ocorrido. Ao chegar em casa, em São Caetano do Sul, na Grande São Paulo,

notou uma vermelhidão no glúteo direito.

A jovem decidiu procurar um infectologista no Centro de Especialidade Médica Samuel Klein, na cidade onde mora, que diagnosticou uma área endurecida e avermelhada na região. A vítima foi medicada e passou por exames.

No dia seguinte, a estudante registrou boletim de ocorrência no 1º Distrito Policial de São Caetano do Sul. O caso foi transferido para o 36º DP (Vila Mariáta), que recebe ocorrências da região do Paraíso, e será investigado pelo Delpom.

Em nota, a Secretaria da Segurança Pública (SSP) informou que a vítima prestou depoimento na Delegacia do Metropolitan nesta quinta-feira (25). A polícia tenta localizar o autor a partir das

informações passadas pela estudante.

Em julho, a Justiça de São Paulo decretou a prisão temporária de Antonio Nogueira de Santana, suspeito de ser o responsável por atacar milhares com uma seringa na região central da capital. Ele foi abordado pela Polícia Militar no dia 30 de julho e estava com uma seringa no bolso.

O homem seria o responsável por perfurar uma mediana peruana pelas costas, na Avenida Paulista, no centro, no dia 22 de junho. Ela andava pela via com uma amiga quando sentiu uma picada no ombro. A médica foi quem ajudou a polícia a fazer o retorno falado do suspeito. O 78º DP instaurou inquérito de lesão corporal e periclitância da vida (quando expõe outra pessoa a perigo).

Força Nacional vai ajudar a combater violência no RS

Pedro Peduzzi
Agência Brasil

Brasília - O governo federal vai enviar 150 integrantes da Força Nacional para ajudar a combater a onda de violência que, nas últimas semanas, tem sido registrada na Região Metropolitana de Porto Alegre. Nos últimos dias, uma médica foi assassinada na capital, um triplo homicídio ocorreu em Alvorada e um homem foi executado no

Hospital São Lucas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). No final da tarde desta quinta (26), uma mulher que aguardava o filho do lado de fora da escola foi vítima de latrocínio.

Diante dessa situação, o secretário da Segurança Pública do Rio Grande do Sul, Wantuir Jacini, acabou por pedir exoneração do cargo na quinta.

Na busca por ajuda, o governador do Rio Grande do

Sul, José Ivo Sartori, foi a Brasília para se encontrar com Michel Temer. "Esta será a primeira etapa. Solicitamos, ainda, armas, equipamentos, veículos e também um presídio federal, na capital ou para o Rio Grande do Sul, para ampliar as ações que todos temos nesse campo da área penitenciária de segurança", disse o governador. Segundo Sartori, boa parte do contingente será deslocada da Olimpíada do Rio de Janeiro.

Imagine acessar a internet, fazer ligações e enviar SMS à vontade por

CELULAR
superPRÉ
SERCOMTEL

365 dias

**PAGUE EM ATÉ
4X NO CARTÃO**

pagando só
R\$ 280,00

É Super Economia. É Super Pré Sercomtel. Acesse sercomtel.com.br ou ligue 105 1 e saiba mais. Centro de Interação de Comunicação Telefônica para Pessoas com Deficiência Auditiva ou da Fala: 142.

SERCOMTEL™
SOLUÇÕES COMPLETAS

ANEXO 6 – CORREIO BRAZILIENSE (JORNAL 5)

ciência

Editora: Ana Paula Macedo
anapaula.d@edbr.com.br
3214-1195 • 3214-1172 / fax: 3214-1155

17 - CORREIO BRAZILIENSE - Brasília, sábado, 27 de agosto de 2016

Casa bonita, ar mais puro

Algumas plantas ornamentais tornam o ambiente doméstico mais saudável ao absorver gases que podem causar tosse, asma, alergia e até câncer. Segundo estudo sobre o tema, as bromélias são as mais eficientes para essa função

» PALOMA OLIVEIRO

Quando se fala em poluição do ar, a maioria das pessoas pensa nas substâncias emitidas por carros e fábricas. Porém, o perigo também está dentro de casa. Encontrados em tintas de parede e de impressoras, móveis, produtos de limpeza e até em roupas, os chamados compostos orgânicos voláteis (COVs), como acetona, benzeno e formaldeído, são emitidos de forma gasosa e, quando inalados, causam efeitos adversos à saúde. Podem provocar desde problemas passageiros, como tosse, até condições mais graves, incluindo alguns tipos de câncer.

No 25º Encontro Nacional da Sociedade Americana de Química, pesquisadores da Universidade Estadual de Nova York em Oswego apresentaram uma solução simples para mitigar os efeitos da chamada síndrome do edifício doente, que impacta negativamente o tórax e a saúde humana quanto a do ambiente. Eles descobriram que cultivar alguns tipos de plantas próprias para o interior das casas pode combater os efeitos dos COVs, ao removê-los da atmosfera.

“Nós nos esquecemos de que o ar é o material mais consumido por humanos: cada um de nós respira 13 mil litros de ar por dia, e não podemos ficar sem ar por mais de três minutos. Isso significa que a qualidade do ar atmosférico é muito importante e que precisamos de ar limpo”, lembrou, em uma coletiva de imprensa transmitida pela internet, o principal autor do trabalho, o químico Vadoud Nirí.

Infelizmente, ressalta o especialista, existe muita poluição atmosférica nos ambientes internos. “Na verdade, os estu-

dos mostram que a concentração de alguns desses poluentes é de três a cinco vezes maior dentro de casa, e a razão disso é que eles vêm de produtos que temos em casa ou nos escritórios, como tinta, carpetes e impressoras”, continuou.

Sintomas

De acordo com Nirí, inalar quantidades grandes desses produtos pode levar algumas pessoas a desenvolver a síndrome do edifício doente, o que reduz a produtividade e pode causar tosse, asma e alergia. Esse mal é definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como “conjunto de doenças causadas ou estimuladas pela poluição do ar em espaços fechados”.

A solução mais comum para combater os compostos orgânicos voláteis é instalar sistemas de ventilação que removem o ar para o lado de fora. Existem também métodos para removê-los, usando absorção, condensação e reações químicas. Contudo, Nirí estudou uma ferramenta simples e

barata para eliminar as substâncias: o uso de plantas para retirar produtos químicos do ar de ambientes internos, processo chamado biofiltração ou fitoremediação. Além do dióxido de carbono, as plantas absorvem gases como benzeno, tolueno e outros tipos de COVs.

O químico contou que, pesquisando o assunto, encontrou um estudo de 1984 da agência espacial americana, a Nasa, segundo o qual as plantas podem absorver tais compostos por meio das folhas e raízes. Desde então, outros pesquisadores investigaram como as espécies remediaram os efeitos de substâncias específicas, como o formal-



deído, um agente carcinogênico em espaços fechados.

“O motivo disso não é completamente conhecido, mas há muitas hipóteses, algumas baseadas na fotossíntese. A planta

absorve o CO₂ e o degrada em outros químicos. Basicamente, ele vai para o ciclo de carbono”, disse Nirí. De acordo com ele, a maior parte dos estudos sobre a biofiltração foca a remoção de

Testes

Para isso, ele construiu uma câmara selada contendo concentrações específicas de diversos COVs. Então, monitorou a circulação dos compostos ao longo de diversas horas com e sem a presença de plantas no interior da engenhoca. Para cada espécie, ele anotou qual COV a planta remove, o tempo que leva para retirá-lo do ar e o quanto das substâncias químicas foi eliminado, no fim do experimento.

A equipe de Nirí testou cinco tipos comuns de plantas cultivadas dentro de casa na região de Nova York, onde mora. Essas espécies também são comuns no Brasil: planta-jade (*Crassula argentea*), planta-aranha (*Crassula argentea*), bromélia-estrela-esclarete (*Guzmania lingulata*), cacto-do-caribe (*Consoula falcata cactus*) e dracena (*Dracaena fragrans*). Os pesquisadores descobriram que a bromélia consegue remover mais de 80% de seis dos oito compostos em um período de 12 horas — foi a mais eficiente de todas.

As cinco foram capazes de tirar do ar a acetona, substância abundante em esmaltes e removedores, mas a dracena se saiu melhor nesse teste, com 94% do químico sendo eliminado. “Com base nos nossos resultados, podemos dizer que é uma boa ideia ter ao menos uma bromélia na estante da sala ou no local de trabalho”, diz Nirí.

Segundo o cientista, o próximo passo é testar as habilidades das plantas em um cômodo de verdade, e não só em uma câmara selada. Dessa forma, será possível determinar o número de vasos necessários, de acordo com a área do quarto ou da sala, para filtrar as impurezas do ar. Nirí esclareceu que, no experimento, como foram testadas concentrações muito altas de COVs, foi preciso levar as plantas para uma estufa, para que se recuperassem. Ele garantiu, porém, que, dentro de casa, a circulação das substâncias químicas não é tão alta assim e que, portanto, não há risco de prejudicar as espécies vegetais.

»» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

» SEGUNDA-FEIRA, 22 DANOS PERSISTENTES

Jovens que sofrem lesões cerebrais traumáticas, como concussões, são mais propensos a sofrer problemas psicológicos e sociais a longo prazo, segundo um estudo publicado na revista *PLoS Medicine*. O estudo foi realizado com cerca de 100 mil crianças e adolescentes na Suécia que nasceram entre 1973 e 1985 e sofreram pelo menos uma lesão cerebral traumática (TBI, na sigla) em inglês antes dos 25 anos. Os pesquisadores compararam os participantes com seus irmãos saudáveis e os acompanharam até completarem 41. Eles descobriram que o TBI previu consistentemente um risco posterior de mortalidade prematura, interação psicológica, visitas ambulatoriais psiquiátricas, pensão por invalidez, recebimento de previdência social e baixo nível de escolaridade. Os efeitos foram mais fortes para aqueles com lesões de maior gravidade e recorrência.



» QUARTA-FEIRA, 24 RECORDE ESPACIAL

O astronauta Jeff Williams (foto), 58 anos, quebrou o recorde americano de dias acumulados no espaço. Quando retornar à Terra, em 6 de setembro, terá computado 534 dias na Estação Espacial Internacional (ISS) ao longo de sua carreira, mais do que qualquer outro cidadão dos Estados Unidos. O recorde pertencia a Scott Kelly, disse a Nasa. Williams foi enviado ao espaço pela primeira vez em 2000, a bordo do ônibus espacial *Columbia*. Ele regressou à ES em 2006, quando o laboratório orbital era muito menor, com apenas dois módulos e três membros na tripulação. Hoje, é composta por seis pessoas e tem o tamanho de um campo de futebol. O recorde mundial, porém, ainda pertence ao russo Gennadiy Padalka, que passou 875 dias no espaço.

» SEXTA-FEIRA, 26 MAIOR RESERVA MARINHA DO MUNDO

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, anunciou a maior reserva marinha do mundo, ao ampliar uma área já protegida no noroeste do Havaí, chamada Monumento Nacional Marinho Papahānaumokuākea. A reserva quadruplica de tamanho, alcançando 1,5 milhão de quilômetros quadrados, área equivalente à do estado do Amazonas, no Brasil. Esses lugares abrigam recifes de corais e centenas de animais encontrados apenas ali, incluindo uma nova espécie de polvo “*Tarantula*”, descoberta este ano, e o organismo vivo mais antigo do mundo, o coral-negro, com idade estimada em 4.265 anos. Cerca de 14 milhões de aves marinhas voam sobre a área. Lar também de tartarugas-verdes, focas (foto) e baleias-azuis. O monumento foi criado em 2006 por George W. Bush e é Patrimônio Mundial da Unesco. O presidente Obama aumentou a proteção de um dos lugares mais significativos do planeta, biológico e culturalmente”, disse Joshua Reichert, vice-presidente da ONG Pew Charitable Trusts. O Greenpeace também saudou o que chamou de “desaio colossal”, que proíbe a pesca comercial e a extração mineral no região.



Paula Maurin/NOAA/Digitalis

» TERÇA-FEIRA, 23 PROMESSA CONTRA OBESIDADE

Pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) descobriram que suplementos de flocos de milho podem reverter os efeitos de uma dieta rica em gorduras. O estudo, publicado no *Journal of Physiology*, demonstrou, em ratos, que a substância pode ser um meio eficaz para prevenção de obesidade e diabetes. Em humanos, 60 centenas dividiram os animais em dois grupos. Ambos receberam um regime com muitas calorias. Um deles também ingeriu o suplemento. Ao comparar amostras de gordura corporal, eles perceberam que os ratos que tomaram o flocos de milho tinham menos depósitos de células adiposas e não ficaram resistentes à insulina, ao contrário dos demais.

VACINA CONTRA ESQUISTOSSOMOSE

O Brasil inicia neste ano a nova fase de estudos clínicos para a vacina contra a esquistossomose, chamada de Vacina Smith. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) anunciou que estudos clínicos acontecerão até dezembro, período que corresponde a mais alta endemicidade da doença em território africano. Ao longo das três etapas, está prevista a participação de 350 voluntários, entre adultos e crianças. A conclusão e os resultados estão previstos para 2017. “É a primeira vez no mundo que uma vacina parassitária produzida com tecnologia brasileira de última geração chega à fase II de estudos clínicos. Um importante passo para enfrentamento desse problema de saúde, que atinge principalmente populações pobres de diferentes países”, comemorou o ministro da Saúde, Ricardo Barros.

ANEXO 7 – A FOLHA DE PERNAMBUCO (JORNAL 6)

Schistosoma: saneamento é saída

Vacina é anunciada no centenário de Frederico Simões, que fez descobertas sobre a doença. Melhor seria sanear

RENATA GENTILE

No centenário de aniversário do sanitarista pernambucano Frederico Simões Barbosa, pioneiro no País em descobertas sobre a dinâmica da esquistossomose, desenvolvendo vetores, mecanismo de transmissão, epidemiologia e controle da doença, o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) anuncia, ontem, a fase II dos estudos clínicos da vacina brasileira contra a esquistossomose, a Sm 14. Mais importante que a vacina é investir em saneamento básico, já que a doença ganha força em locais sem acesso a água potável e esgotamento sanitário.

“A vacina pode demorar ainda alguns anos. A estratégia mais duradoura e abrangente para o controle é o tratamento dos ambientes insalubres e contaminados investindo em saneamento básico. Isso traria impacto na esquistossomose, mas também em outras doenças de veiculação hídrica, como cólera, leptospirose, hepatites, diarreias”, afirmou a coordenadora do Laboratório e Serviço de Referência em Esquistossomose da Fiocruz Pernambuco, Constança Simões Barbosa, filha do sanitarista Frederico Simões.

O coordenador do programa Semar em Pernambuco, Alexandre Meneses, também aponta desafios do imunitarizante. “O problema de vacinar para parasitas, a exemplo do schistosoma, é realmente a capacidade de imunizar. É o tempo que ela demora. O grande desafio da vacina será garantir proteger as pessoas e ter durabilidade”, avalia.

Ele também acredita que a vacina não dispensa as necessidades de saneamento. A esquistossomose é uma das doenças parasitárias mais devastadoras socioeconomicamente, atrás apenas da malária. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), há mais de 200 milhões de pessoas infectadas no Mun-

do. Maioria em países pobres, onde não há saneamento básico. Anos endêmicos estão espalhados em 70 países, onde 800 milhões de pessoas vivem o risco de infecção. No Brasil, 19 estados apresentam casos, especialmente os da região Nordeste, além de Minas Gerais e Espírito Santo.

Neste triste cenário, Pernambuco é destaque. Ocupa o primeiro lugar, tanto em novos casos como em número de óbitos. Foram quase três mil mortes entre 1999 e 2015, além de inúmeras vítimas que ficaram incapacitadas. Mais de 43,5 mil doentes nos últimos seis anos. São 58 localidades consideradas hiperendêmicas, onde mais de 10% da população local está adoecida, com concentração na Mata Norte e Sul.

Desafio

Desafio da saúde pública por décadas a fio, a esquistossomose só apoia nas precárias condições de saneamento - até hoje só cerca de 30% do território é saneado. Foi nessas regiões onde falta esgoto e água, mais precisamente em Aliança, na Mata Norte pernambucana, que a igreja Luzia Tavares, 60, adoeceu há 15 anos. “Me sentia empachada o tempo todo,



PHOTOGRAPHY/AGF

aprovados pelo comitê de ética. A previsão é que, se tudo sair a contento, a vacina seja produzida em larga escala daqui a três anos. O custo atual das doses é estimado em US\$ 1. É preciso três doses, com intervalo de um mês.

O imunitarizante é um dos projetos de pesquisa e desenvolvimento em saúde aprovado e patentado pelo IOC. A Fase I teve os resulta-

IMUNITARIZANTE ESTÁ SENDO DESENVOLVIDO PARA INSTITUIÇÃO PÚBLICA CUSTO ESTIMADO DE US\$ 1

do que comia fazia mal. Foi quando o médico descobriu a doença. Morava num sítio e nunca tive água encanada por lá. A gente resolvia tudo no rio, riacha, cacimba”, contou. Hoje convive com o baço inchado, varizes no estômago, além da pressão alta e diabetes.

Os testes

A vacina será testada em 350 voluntários adultos do Senegal, na África. A área foi escolhida por ser hiperendêmica e atingida simultaneamente por duas espécies do parasita Schistosoma, causador da doença. Nessa etapa, a segurança do produto será avaliada, bem como a sua capacidade de induzir imunidade nas pessoas vacinadas. Serão incluídas crianças. Os testes foram



Ovos do vetor da esquistossomose eclodem na água doce. Constança Simões Barbosa, filha do sanitarista pernambucano que fez importantes descobertas sobre a doença (ao lado), também é pesquisadora. Ele aponta o saneamento como solução



PHOTOGRAPHY/AGF

Esquistossomose

O que é



Doença parasitária causada por verme do gênero Schistosoma. O parasita, além de ferir a pele, causa na pessoa sintomas de cansaço, febre, dor de cabeça, tosse, náusea, vômito, diarréia, dor de barriga, urticária, entre outros. Não tem cura, a prevenção é por meio de saneamento em áreas de risco de contaminação por água doce.

Forma de contágio



Os ovos do verme são eliminados pelas fezes humanas, de animais, em água ou nos sedimentos. Os ovos são ingeridos por caramujos, que desenvolvem as formas de transmissão. Após quatro semanas de desenvolvimento no ambiente, os caramujos liberam os parasitas na água doce. O contágio ocorre ao entrar em contato com a água contaminada por esses parasitas.

Tratamento

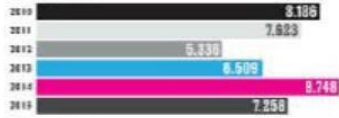


É medicamentoso à base de drogas praziquantel. Os casos graves geralmente requerem internação hospitalar e acompanhamento.

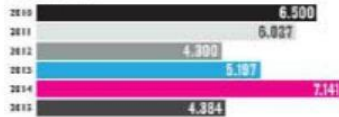
FOLHARESUME

Instituto Oswaldo Cruz anuncia que vacina contra esquistossomose entra em nova fase de estudos clínicos no País que vem. Segundo a OMS, há mais de 200 milhões de pessoas infectadas no mundo. Maioria em países pobres, onde não há saneamento básico. No Brasil, 19 estados apresentam casos, especialmente os da região Nordeste. Pernambuco ocupa o primeiro lugar, tanto em novos casos como em número de óbitos. Foram quase três mil mortes entre 1999 e 2015, além de inúmeras vítimas que ficaram incapacitadas.

Exames positivos



Pessoas tratadas



Mortes



Foto: Reprodução de fotos de São Paulo e Pernambuco/Agência de Notícias

Agência de Notícias